



FACULDADE METROPOLITANA
NORTE RIOGRANDENSE

**FACULDADE METROPOLITANA NORTE RIOGRANDENSE
DIRETORIA DE GRADUAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

HONIERISSON FRANKLIN COSTA DA SILVA

**CONTRIBUIÇÕES DAS LINGUAGENS ARTÍSTICAS PARA O
DESENVOLVIMENTO DO ALUNO**

NATAL/RN

2025

HONIERISSON FRANKLIN COSTA DA SILVA

**CONTRIBUIÇÕES DAS LINGUAGENS ARTÍSTICAS PARA O
DESENVOLVIMENTO DO ALUNO**

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia, da Faculdade Metropolitana Norte Riograndense (FAMEN) como pré-requisito para a obtenção do título de graduado (a) em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Ms. Liliane Silva Câmara de Oliveira.

Coorientadora: Profa. Adriana Mônica de Oliveira.

NATAL/RN

2025

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte
Biblioteca Immanuel Kant – Faculdade Metropolitana Norte Riograndense

S586c Silva, Honierisson Franklin Costa da.
Contribuições das linguagens artísticas para o desenvolvimento do
aluno / Honierisson Franklin Costa da Silva. – Natal, 2025.
58 f.

Monografia (Graduação em Pedagogia) – Faculdade Metropolitana
Norte Riograndense, Departamento de Pedagogia. Natal, RN, 2025.
Orientadora: Profa. Ms. Liliane Silva Câmara de Oliveira.
Coorientadora: Profa. Ma. Adriana Mônica de Oliveira.

1. Educação – Monografia. 2. Ensino de Artes – Monografia I.
Oliveira, Liliane Silva Câmara de. II. Oliveira, Adriana Mônica de.

CDD – 370

CDU – 37

Elaborada pelo Bibliotecário Miqueias Alex de Souza Pereira – CRB – 15/925

Índice de catálogo sistemático:

1. Educação – 370
2. Educação. Ensino. Instrução – 37

HONIERISSON FRANKLIN COSTA DA SILVA

**CONTRIBUIÇÕES DAS LINGUAGENS ARTÍSTICAS PARA O
DESENVOLVIMENTO DO ALUNO**

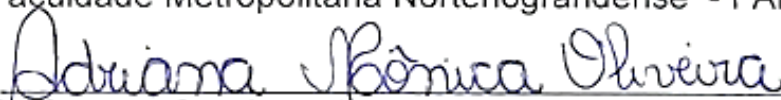
Monografia apresentada ao curso de Pedagogia, da
Faculdade Metropolitana Norte Riograndense
(FAMEN) como pré-requisito para a obtenção do
título de graduado(a) em Pedagogia.

Monografia apresentada e aprovada em 16/12/2025, pela seguinte Banca Examinadora:

BANCA EXAMINADORA



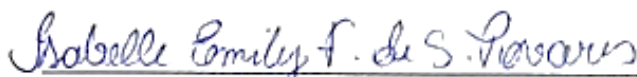
Professora Orientadora Drda. Liliame Silva Câmara de Oliveira
Faculdade Metropolitana Norteriograndense - FAMEN



Professora Coorientadora Ms. Adriana Mônica Oliveira
Faculdade Metropolitana Norteriograndense - FAMEN



Prof. Esp. Niara Pereira dos Santos de Araújo
Faculdade Metropolitana Norteriograndense - FAMEN



Prof. Ms. Isabelle Emily Ferreira de Souza Tavares
Faculdade Metropolitana Norteriograndense - FAMEN

NATAL/RN

2025

AGRADECIMENTOS

Chegar ao fim da minha graduação em licenciatura em pedagogia é uma conquista que não alcanço sozinho. Em primeiro lugar, toda a minha gratidão se volta para Deus. Foi a minha fé que me guiou, me deu forças e sabedoria nos momentos mais desafiadores, e me permitiu enxergar o propósito maior de toda essa jornada. Sua presença foi a minha maior sustentação.

Em segundo lugar, agradeço à minha esposa, a grande incentivadora do início de tudo. Foi o seu apoio inabalável, suas palavras de encorajamento e sua paciência que me impulsionaram a dar o primeiro passo. Cada desafio enfrentado, cada etapa superada, teve o seu suporte como alicerce. A sua parceria foi essencial para que eu chegasse até aqui.

E por fim, mas não menos importante, agradeço ao meu filho, a minha maior inspiração. Nos momentos de cansaço e incerteza, o seu futuro foi a força que me motivou a continuar. Foi por ele que eu persisti, para que a sua vida seja um caminho de mais oportunidades e inspirações. O seu sorriso e o futuro são a minha maior recompensa e a certeza de que todo o esforço valeu a pena.

RESUMO

Esta monografia tem como objetivo analisar as contribuições das linguagens artísticas para o desenvolvimento integral do aluno, considerando os aspectos cognitivos, emocionais, motores e sociais. A pesquisa justifica-se pela necessidade de compreender o ensino da arte como componente obrigatório do currículo da educação básica, resultado de um processo histórico marcado por lutas e conquistas de educadores, artistas e intelectuais que defenderam sua relevância para a formação integral do sujeito. O estudo discute a importância da arte como meio de expressão, criatividade e construção do conhecimento, evidenciando que práticas pedagógicas voltadas ao ensino da arte favorecem a aprendizagem significativa e o desenvolvimento integral dos estudantes. A fundamentação teórica baseia-se, principalmente, em autores da área da Arte/Educação, com destaque para Alves, Cappellari, Batalha e Santos, Benites e principalmente Ana Mãe Barbosa, que enfatiza o papel da arte na formação da sensibilidade, na ampliação da percepção estética e na valorização da diversidade cultural. Abordam-se também as concepções das linguagens artísticas, a trajetória histórica do ensino da arte no contexto educacional brasileiro e o papel do professor como mediador das experiências estéticas no ambiente escolar. Constatou-se que o ensino da arte, quando integrado ao processo educativo, contribui significativamente para a formação de sujeitos críticos, criativos, sensíveis e conscientes de seu papel social, configurando-se como um elemento essencial para a construção de uma educação humanizadora, democrática e inclusiva.

Palavras-chave: Arte; educação; linguagens artísticas; desenvolvimento integral; criatividade.

ABSTRACT

This monograph aims to analyze the contributions of artistic languages to students' integral development, considering cognitive, emotional, motor, and social aspects. The study is justified by the need to understand art education as a mandatory component of the basic education curriculum, resulting from a historical process marked by struggles and achievements of educators, artists, and intellectuals who defended its relevance to the holistic formation of individuals. The research discusses the importance of art as a means of expression, creativity, and knowledge construction, highlighting that pedagogical practices focused on art education promote meaningful learning and students' comprehensive development. The theoretical framework is mainly based on authors in the field of Art Education, with emphasis on Alves, Cappellari, Batalha, Santos, Benites, and especially Ana Mae Barbosa, who emphasizes the role of art in the development of sensitivity, the expansion of aesthetic perception, and the appreciation of cultural diversity. The study also addresses the conceptions of artistic languages, the historical trajectory of art education in the Brazilian educational context, and the role of the teacher as a mediator of aesthetic experiences in the school environment. It is concluded that art education, when integrated into the educational process, significantly contributes to the formation of critical, creative, sensitive individuals who are aware of their social role, establishing itself as an essential element for the construction of a humanizing, democratic, and inclusive education.

Keywords: Art; education; artistic languages; integral development; creativity.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 A ARTE NO CONTEXTO HISTÓRICO BRASILEIRO	10
2.1 Concepções teóricas sobre as Linguagens Artísticas.....	16
2.2 As linguagens artísticas na Educação Infantil e no Ensino Fundamental	21
3 AÇÃO DOCENTE NO ENSINO DA ARTE	26
3.1 O professor como mediador no campo estético da arte	37
3.2 As tecnologias digitais e a arte contemporânea na educação e inclusão escolar.....	40
4 CONTRIBUIÇÕES DAS LINGUAGENS ARTÍSTICAS PARA O DESENVOLVIMENTO GLOBAL DO EDUCANDO	47
5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	53
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS.....	56

1 INTRODUÇÃO

Entende-se por Arte, como componente curricular, o estudo das diversas linguagens artísticas que compõem o campo expressivo humano, entre elas as artes visuais constituídas pela fotografia, o audiovisual, o desenho, a escultura, a gravura e a pintura, além das artes cênicas, da dança e da música. Nesse contexto, ao conceituar a arte, este trabalho propõe uma reflexão acerca da relevância das contribuições das linguagens artísticas para o desenvolvimento integral do aluno e de sua importância no âmbito da prática pedagógica.

A realização desta pesquisa tem como propósito promover uma análise das contribuições das linguagens artísticas para o desenvolvimento integral do discente. Ela considera seu contexto histórico, suas dimensões cognitivas, afetivas, sociais e motoras. Além disso, considera as práticas didáticas adotadas pelos docentes e sua atuação como mediadores das experiências estéticas no ambiente escolar. Tal investigação justifica-se a partir da minha vivência com a arte e da compreensão de que ela exerce um papel fundamental no processo de aprendizagem dos alunos. Ao longo da prática educativa, é possível perceber que o ensino da arte vai além do desenvolvimento de habilidades técnicas ou da produção estética, constituindo-se como um espaço de expressão, sensibilidade e construção de sentidos.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reconhece a Arte como área fundamental na formação do estudante, estruturada em quatro linguagens principais: artes visuais, dança, música e teatro. Essas manifestações expandem o repertório cultural do aluno, estimulam a criatividade, a sensibilidade, a imaginação e o pensamento crítico, favorecendo o desenvolvimento integral e possibilitando que o educando compreenda distintos contextos culturais e históricos, construindo aprendizagens significativas.

Esta monografia, em seu aspecto metodológico, traz a pesquisa de natureza bibliográfica e a pesquisa de abordagem qualitativa, construída a partir da análise de artigos científicos, periódicos, capítulos de livros, monografias e revistas. Entre os autores consultados cujas contribuições dialogam com os fundamentos teóricos adotados, destacam-se Alves, Cappellari, Batalha e Santos, Barbosa e Benite, entre outros.

No que concerne à estruturação, este trabalho de conclusão de curso apresenta seções que abordam a história da arte na educação brasileira, discute as concepções das linguagens artísticas, suas práticas pedagógicas e suas contribuições para o desenvolvimento integral do educando. Em seguida, a metodologia que descreve os procedimentos de pesquisa utilizados. Por fim, apresentam-se as considerações finais, seguidas das referências que sustentaram teoricamente a investigação.

2 A ARTE NO CONTEXTO HISTÓRICO BRASILEIRO

Para compreender como ocorre a aprendizagem mediada pela arte, torna-se necessário revisitar o desenvolvimento histórico do ensino da arte no Brasil, especialmente nos séculos XIX e XX, até alcançar sua configuração contemporânea. Esse percurso acompanha as diferentes reformas educacionais, nas quais a arte passou de uma prática secundária para um componente curricular reconhecido legalmente. Tal reconhecimento foi formalizado pela Lei nº 9.394/1996, que assegura o ensino da arte como componente obrigatório da educação básica, visando à promoção do desenvolvimento cultural dos alunos (Brasil, 1996).

Nesse contexto, o avanço das pesquisas na área da Arte/Educação contribuiu para a consolidação do ensino da arte como campo de conhecimento, ampliando sua compreensão para além de técnicas e práticas isoladas. Esse movimento favoreceu a valorização das produções artísticas e das linguagens vinculadas aos diferentes contextos socioculturais, conforme destacam Batalha e Santos (2018),

Com o desenvolvimento de pesquisas na área, seu formato foi se modificando e o seu campo de conhecimento foi se estruturando por meio do crescimento dessas pesquisas que, atualmente, apropriam-se das produções e linguagens dos diversos aspectos socioculturais de diferentes povos e nações (Batalha; Santos, 2018, p. 25).

Dessa forma, ao reconhecer que o ensino da arte se constitui como um campo de conhecimento em constante transformação, torna-se necessário compreender como esse processo foi sendo construído historicamente no contexto brasileiro. Para isso, é importante analisar os diferentes períodos que marcaram a trajetória do ensino da arte no país, considerando as influências sociais, culturais e educacionais de cada época. Nesse sentido, inicia-se a reflexão a partir do século XIX, período em que o ensino da arte passa a assumir características mais sistematizadas e institucionais.

Segundo Batalha e Santos (2018), no início do século XIX, a arte ainda não integrava o currículo das escolas públicas elementares. O ensino da arte passou a ser institucionalizado no Brasil a partir de 1816, com a chegada ao Rio de Janeiro da Missão Artística Francesa, trazida a convite do príncipe regente Dom João VI. Esse grupo foi responsável pela criação da Academia de Belas-Artes, estruturada com base nos padrões da tradição clássica europeia, sem considerar, naquele contexto, os elementos culturais próprios da realidade brasileira.

Embora a criação da Academia de Belas-Artes tenha representado um marco para a formalização do ensino da arte no país, constata-se que esse modelo apresentou limitações ao

privilegiar padrões estéticos europeus em detrimento das expressões culturais locais. Tal postura reforçou uma visão eurocêntrica da arte, que influenciou o ensino artístico por décadas no contexto educacional brasileiro.

Nesse sentido, Batalha e Barbosa (2018) destacam que a institucionalização do ensino da arte no Brasil ocorreu com a criação da Academia Imperial de Belas Artes, que adotou padrões europeus e estabeleceu o desenho como fundamento da formação artística. Essa iniciativa influenciou a inserção da arte no ensino primário e secundário, priorizando o desenvolvimento técnico e racional, ao mesmo tempo em que evidenciava distinções sociais e de gênero presentes no contexto educacional do período.

Sendo assim, a partir da segunda metade do século XIX, o ensino da arte no Brasil passou a ser fortemente influenciado pelo processo de industrialização, assumindo um caráter técnico voltado à formação de mão de obra. Nesse contexto, o desenho técnico ganhou destaque, gerando debates entre diferentes concepções de ensino artístico, que ora priorizavam a expressão das belas-artes, ora enfatizavam a formação profissional ligada às artes industriais. Barbosa (2011) ressalta que esse período privilegiava a técnica em detrimento da expressão e da leitura crítica, evidenciando uma compreensão restrita da arte como mera habilidade prática.

Compreende-se que, no contexto da industrialização, o ensino da arte, embora marcado pelo predomínio do modelo tecnicista que restringiu a dimensão expressiva e crítica, contribuiu para a consolidação da arte no espaço escolar e para o reconhecimento do desenho como elemento formativo. Ao enfatizar o domínio técnico e a disciplina, o ensino artístico integrou os currículos com uma função social definida, ainda que limitada à preparação para o trabalho, reduzindo a arte a um instrumento utilitário e desconsiderando seu potencial como linguagem simbólica, expressiva e cultural. Já nas primeiras décadas do século XX, conforme destacam Batalha e Santos (2018):

O ensino de arte das primeiras décadas do século XX, sob o ponto de vista metodológico, seguia a tendência pedagógica da Escola Tradicional, voltado para o domínio técnico e centrado na figura do professor, com interesse no produto do trabalho escolar que valorizava a aprendizagem por meio da reprodução de modelos, desvinculando-se da realidade individual e social brasileira. No ensino de arte, o desenho nas escolas primárias e secundárias apresentou-se como base para a preparação técnica para o trabalho. Valorizava-se a memorização, as habilidades manuais, os dons artísticos numa visão utilitarista da arte (Batalha e Santos, 2018, p. 31).

Dessa forma, nota-se que o ensino artístico se distanciava de sua função formativa mais ampla, deixando de contribuir de maneira significativa para o desenvolvimento crítico, criativo e sensível do educando. Tal perspectiva comprova as limitações desse período e reforça a necessidade de abordagens pedagógicas que valorizem a expressão, a criatividade e a relação da arte com a realidade social e cultural dos alunos.

Com o passar do tempo, Batalha e Santos (2018) ressaltam que instituições como o Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo tiveram papel relevante nesse período, ao oferecer formação técnica e artística voltada ao trabalho. Nos anos de 1920 e 1970, movimentos culturais, educacionais e pedagógicos contribuíram para ampliar a compreensão da arte na educação, influenciados pelo modernismo, pela Escola Nova e por teorias psicológicas.

Esse percurso resultou, a partir da década de 1970, na consolidação da arte como disciplina obrigatória no currículo escolar, reconhecida por sua contribuição ao desenvolvimento integral do indivíduo. Conforme afirmam Batalha e Santos (2018):

O ensino de arte volta-se para o desenvolvimento natural do aluno, valorizando o seu desenvolvimento, suas formas de expressão, de compreensão do mundo e da sua criação, descartando a reprodução de modelos. As aulas de desenho e artes plásticas mostraram-se mais espontâneas e ganharam espaço para a invenção, a autonomia e a autoexpressão dos alunos. As aulas de música buscavam o desenvolvimento da percepção auditiva, rítmica, da expressão corporal, a utilização de jogos, instrumentos de percussão, rodas e brincadeiras, estimulando os alunos a experimentar, improvisar e criar (Batalha e Santos, 2018, p. 32).

De acordo com a citação, essa perspectiva de ensino da arte mostra-nos uma superação das práticas tradicionais centradas na reprodução de modelos, ao reconhecer o aluno como protagonista do processo educativo. Ao valorizar as múltiplas formas de expressão, compreensão do mundo e criação, o ensino artístico contribui para o desenvolvimento integral do educando. Além disso, ao incorporar atividades lúdicas, musicais e corporais, essa abordagem favorece a autonomia, a sensibilidade e a capacidade crítica dos alunos, possibilitando experiências de aprendizagem mais significativas e contextualizadas.

Vale ressaltar, segundo as autoras Batalha e Santos (2018), que, no final da década de 1960 e ao longo dos anos 1970, observa-se um movimento de aproximação entre a arte desenvolvida no ambiente escolar e as manifestações artísticas presentes fora dele, marcado pela realização de festivais e experiências teatrais que promoviam maior envolvimento e

estímulo dos estudantes. Com a Lei nº 5.692/1971, o ensino de arte foi inserido no currículo escolar como educação artística, sendo compreendido como atividade educativa e não como disciplina específica. Essa proposta abrangia diferentes linguagens artísticas, como artes plásticas, música e artes cênicas.

No entanto, a falta de formação adequada dos professores para atuar nessas múltiplas linguagens levou à adoção de guias curriculares e materiais didáticos com pouca fundamentação teórico-metodológica. Nesse contexto, o ensino passou a priorizar o fazer técnico, o uso de materiais diversificados e a expressão espontânea, o que resultou no enfraquecimento dos conhecimentos específicos das linguagens artísticas e na desvalorização do professor de arte, que passou a ocupar uma posição marginalizada no ambiente escolar (Batalha; Santos, 2018).

Contudo, constata-se que esse período foi influenciado pela pedagogia tecnicista, que defendia o uso intensivo de recursos tecnológicos e audiovisuais como forma de modernizar o ensino, atribuindo ao professor o papel de executor de propostas previamente definidas e ao aluno uma posição passiva, por meio de práticas autoritárias e descontextualizadas da realidade social.

Diante das limitações impostas por esse modelo pedagógico, o movimento da Arte-Educação no Brasil consolidou-se a partir da década de 1980, quando professores passaram a refletir criticamente sobre sua atuação, buscando maior valorização e fundamentação teórica para o ensino da arte. Esse processo foi fortalecido por encontros e debates promovidos por universidades e entidades da área, culminando, após a Constituição de 1988, na reformulação das políticas educacionais.

Com a promulgação da LDB nº 9.394/1996, o ensino da arte passou a ser reconhecido como componente curricular obrigatório da educação básica, deixando de ser tratado como atividade complementar e assumindo o de área de conhecimento, com conteúdos próprios vinculados à cultura e ao desenvolvimento cultural dos estudantes, conforme Batalha e Santos (2018):

A LDB nº 9394/96 é a mais recente e vigora até os dias atuais. O ensino da arte foi incluído no currículo escolar como atividade educativa pela LDB de 1971, sob a nomenclatura de Educação Artística, e com a atual LDB de 1996 foi reconhecida como disciplina e o seu ensino se tornou obrigatório na educação básica, conforme dispõe o parágrafo 2º do artigo 26 (Batalha; Santos, p. 42).

Nesse contexto, a arte passa a ser compreendida como área de conhecimento, com fundamentos teóricos, metodológicos e conteúdos próprios, superando a concepção anterior que a restringia a uma atividade complementar ou recreativa. “O ensino da arte, especialmente

em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório da educação básica” (Brasil, 1996).

Essa mudança fortaleceu a atuação do professor de arte e contribuiu para a ampliação das práticas pedagógicas, que passaram a considerar a arte como linguagem, expressão cultural e instrumento de formação crítica. Desse modo, as contribuições das linguagens artísticas desempenham um papel relevante na educação básica, favorecendo o desenvolvimento da sensibilidade estética, da criatividade e da compreensão dos diferentes contextos culturais.

Na mesma década, no ano 1980, surge no Brasil a abordagem triangular, proposta por Ana Mãe Barbosa, caracterizada pela integração entre três eixos: fazer artístico, leitura de imagens e contextualização histórico-cultural. Essa abordagem representou uma ruptura com modelos anteriores, ao defender que o ensino da arte deveria promover tanto a experiência estética quanto a compreensão crítica das produções culturais. De acordo com Barbosa (2016), essa concepção trouxe uma visão mais ampla da arte, considerando sua dimensão social, cultural e educativa. Conforme afirmam as autoras Batalha e Santos (2018):

Ana Mãe Barbosa (1936) [...] foi a primeira pesquisadora a se preocupar com a sistematização do ensino de arte e desenvolveu a chamada Proposta Triangular para o ensino da arte, presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte para os ensinos fundamental e médio. Ela é conhecida como a principal referência do ensino de arte no Brasil e sua proposta articula três eixos do ensino e aprendizagem em arte, que englobam a produção, a fruição e a reflexão (Batalha e Santos, 2018, p. 14 e 15).

Assim, a citação evidencia que o ensino de arte, segundo Ana Mae Barbosa, não deve se restringir apenas à prática ou à técnica, mas deve integrar criação, apreciação e reflexão, garantindo uma aprendizagem mais significativa e completa. Por essa razão, a autora é reconhecida como uma das principais referências da arte-educação no Brasil, influenciando diretamente a formação de professores e as práticas pedagógicas na área.

Nesse sentido, compreende-se que a arte desempenha um papel formativo essencial ao possibilitar que o estudante desenvolva novas formas de perceber, interpretar e compreender a realidade em que está inserido. Em uma sociedade marcada pela presença constante de imagens e diferentes linguagens, o ensino da arte contribui para o desenvolvimento da sensibilidade e do pensamento crítico, preparando o aluno para compreender as transformações culturais.

Observa-se que os debates iniciados na década de 1980 impulsionaram a construção de novas propostas pedagógicas voltadas ao ensino e à aprendizagem da arte. Com a aproximação do século XXI, essas propostas passaram a enfatizar o aprofundamento das pesquisas e a busca por maior qualidade no ensino artístico, incorporando estudos sobre educação estética como forma de ampliar a formação dos estudantes.

Recentemente, no presente século XXI, consolidou-se uma perspectiva interdisciplinar e cultural, alinhada às orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que entende o ensino da arte como espaço de diálogo entre diferentes linguagens, culturas, tecnologias e práticas contemporâneas. Essa concepção reconhece o estudante como produtor de sentidos e ativa sua participação crítica na sociedade. Hernández (2000) afirma que o ensino da arte na contemporaneidade deve promover processos investigativos, conectar culturas visuais e estimular a leitura crítica do mundo.

Compreende-se que a história de cada sujeito é tecida a partir das experiências compartilhadas em seu meio social e familiar, assim como das referências culturais mais amplas que o influenciam. De acordo com Ostetto (2024), ao longo do tempo, o ser humano elabora significados sobre o mundo, assimilando modos de ser, pensar e sentir que resultam na formação de seu repertório cultural e simbólico. Assim, a arte no Brasil constitui um espelho das relações humanas, traduzindo os valores, as lutas, as crenças e os sonhos que marcam a construção da identidade nacional.

À luz dessa compreensão, observa-se que, ao longo dos séculos XIX, XX e início do século XXI, os processos de ensino e aprendizagem da arte passaram por significativas transformações, acompanhando as mudanças sociais, culturais e educacionais do país. Na contemporaneidade, as diretrizes estabelecidas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, promulgada em 1996, contribuíram de forma expressiva para o fortalecimento do ensino de arte, conferindo-lhe maior reconhecimento pedagógico e favorecendo a ampliação da qualidade da educação.

Nesse contexto evolutivo, constata-se que o ensino da arte no Brasil foi sendo construído a partir de diferentes concepções pedagógicas, acompanhando as transformações sociais, culturais e educacionais ao longo dos séculos. De uma prática inicialmente marcada pelo tecnicismo e pela reprodução de modelos, a arte passou a ser compreendida como área de conhecimento, expressão cultural e elemento fundamental para a formação integral do educando.

Portanto, esse processo de consolidação, respaldado por marcos legais e teóricos, evidencia a necessidade de compreender as bases conceituais que sustentam o ensino das

linguagens artísticas na contemporaneidade. Nesse sentido, a seção seguinte aborda as concepções teóricas sobre as linguagens artísticas, buscando compreender seus fundamentos, características e contribuições para o processo educativo.

2.1 Concepções teóricas sobre as Linguagens Artísticas

Diante do percurso histórico e das transformações que marcaram o ensino da arte no Brasil, torna-se necessário aprofundar a compreensão das bases conceituais que sustentam as práticas pedagógicas contemporâneas. Assim, faz-se imprescindível discutir as concepções teóricas sobre as linguagens artísticas, entendidas como formas de expressão, comunicação e produção de sentidos que articulam aspectos culturais, simbólicos, estéticos e sociais.

Nessa perspectiva, as linguagens artísticas, como as artes visuais, a música, o teatro e a dança, não se configuram apenas como técnicas ou atividades isoladas, mas como campos de conhecimento que contribuem para o desenvolvimento integral do sujeito, favorecendo a sensibilidade, a criatividade, a criticidade e a construção da identidade cultural. Compreender essas concepções teóricas permite analisar de que modo a arte se insere no contexto educacional, orientando práticas pedagógicas mais significativas e coerentes com as demandas da educação contemporânea. É nesse contexto teórico que Batalha e Santos (2018) compreendem a arte como:

Arte é a expressão de um artista, de um povo, de uma época histórica, considerando os valores estéticos, refletindo uma cultura. É uma forma de o ser humano proclamar a sua criatividade para expressar sentimentos e emoções por meio de suportes, mídias e linguagens variadas para encontrar o seu lugar no cenário contemporâneo. Em seu extenso contexto, a arte pode ser concebida de diversas maneiras, seja pela pintura, escultura, cinema, teatro, dança, música ou pela combinação de todos esses suportes, técnicas e espaços, para se efetivar e se reinventar (Batalha; Santos, 2018, p. 9).

A concepção de arte apresentada por Batalha e Santos (2018) evidencia seu caráter histórico, cultural e expressivo, ao compreendê-la como manifestação da criatividade humana e como meio de expressão de sentimentos, emoções e valores de um povo e de uma época. Essa perspectiva amplia a compreensão da arte para além do fazer técnico ou estético, reconhecendo-a como linguagem simbólica que possibilita ao sujeito interpretar e ressignificar o mundo em que está inserido.

A compreensão das linguagens artísticas como campos de conhecimento é amplamente discutida por Barbosa (2019), referência fundamental na Arte-Educação brasileira. Nessa perspectiva, a arte é concebida como uma forma de conhecimento, de construção de sentidos e

de leitura do mundo, vinculada à memória cultural, à história e às práticas sociais, possibilitando ao sujeito compreender a si mesmo e a sociedade em que está inserido.

Assim, para a autora, a arte não se limita à expressão espontânea nem ao mero fazer técnico, mas configura-se como um campo de conhecimento culturalmente construído, mediado pela memória individual e coletiva. Desse entendimento decorre sua defesa da arte como componente curricular indispensável e como linguagem essencial à formação crítica, estética e cultural do sujeito.

No livro *Arte e Memória*, Ana Mãe Barbosa (2019) faz uma análise crítica da forma como o pensamento de John Dewey foi apropriado no ensino da arte, especialmente no contexto do modernismo pedagógico. Barbosa esclarece que, embora John Dewey tenha exercido forte influência sobre o ensino da arte, suas ideias foram frequentemente mal interpretadas, tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos. O equívoco central está na compreensão do conceito de “experiência consumatória”.

Segundo Barbosa (2019), ao interpretar a experiência consumatória apenas como o resultado final da atividade, o ensino da arte acabou valorizando excessivamente o produto acabado, esvaziando o processo vivido pelo aluno. Essa leitura reducionista contribuiu para práticas pedagógicas superficiais, nas quais a arte era vista como atividade espontânea, sem aprofundamento conceitual, crítico ou cultural.

Em contraposição a essa perspectiva, a concepção de arte como conhecimento propõe uma abordagem mais equilibrada, que reconhece a importância tanto do resultado artístico quanto das etapas envolvidas em sua produção. Essa perspectiva, defendida por Barbosa (1975) desde a década de 1970, destaca que o ensino de arte deve contemplar simultaneamente o fazer artístico e o processo de construção do conhecimento que dele resulta.

Verifica-se que, em contraposição a essa perspectiva, a concepção de arte como conhecimento propõe uma abordagem mais equilibrada. Segundo Batalha e Santos (2018), a proposta triangular, desenvolvida por Ana Mãe Barbosa a partir da década de 1980, surgiu como uma alternativa às práticas tradicionais do ensino de arte, que priorizavam a reprodução de modelos, a livre expressão sem fundamentação e o uso da arte como apoio a outras disciplinas. A autora defende que a arte é um campo de conhecimento com conteúdos e processos próprios, assim como as demais áreas do saber. Conforme Batalha e Santos (2018) destacam, a abordagem triangular:

A abordagem triangular procura englobar vários pontos de ensino e aprendizagem ao mesmo tempo: produção em arte refere-se ao fazer artístico, ao experimentar o uso das linguagens artísticas. Fruição da arte refere-se à ação de apreciar, ler a imagem, seja da produção histórica, seja a do aluno, interpretando e atribuindo significados e à reflexão que situa o conhecimento do trabalho artístico (Batalha; Santos, 2018, p. 16).

A partir dessa concepção, de acordo com a citação, compreende-se que a abordagem triangular propõe uma articulação indissociável entre prática, apreciação e reflexão no ensino da arte. Ao integrar o fazer artístico, a leitura das produções visuais e a contextualização histórica e cultural, essa proposta amplia as possibilidades de aprendizagem, favorecendo o desenvolvimento da sensibilidade, do pensamento crítico e da autonomia do aluno. Dessa forma, o ensino de arte deixa de se restringir à execução de atividades práticas e passa a assumir um caráter formativo, no qual o estudante é estimulado a produzir sentidos, interpretar imagens e compreender a arte como linguagem e conhecimento socialmente construído.

Constata-se que, lamentavelmente, ainda é recorrente nas escolas brasileiras a utilização da arte como desenho, colagem, modelagem, entre outras práticas, apenas como etapa final de uma atividade pedagógica, funcionando como complemento a conteúdos previamente trabalhados. Essa abordagem fundamenta-se na concepção de que a arte pode auxiliar na assimilação de conceitos, por mobilizar dimensões afetivas envolvidas nos processos cognitivos. No entanto, ao ser tratada dessa forma, a arte acaba reduzida a um recurso auxiliar, perdendo seu potencial formativo enquanto linguagem, experiência estética e campo de conhecimento.

Tal redução pedagógica distancia-se das concepções teóricas que historicamente definem a arte, que, ao longo da história, tem sido compreendida de múltiplas formas, refletindo as transformações culturais e sociais de cada época. Para Mora (1998), o termo "arte" pode assumir diferentes sentidos, sendo utilizado tanto para designar a habilidade de viver, pensar ou escrever quanto para se referir às belas-artes em seu aspecto estético. Essa diversidade de significados revela que a arte está intrinsecamente ligada ao fazer humano — à capacidade de criar algo com método, técnica e sensibilidade.

Nessa mesma perspectiva, Martins, Picosque e Guerra (1998) entendem a arte como uma forma singular de conhecimento e linguagem, por meio da qual o ser humano reflete sobre sua existência e o mundo que o cerca. A arte, portanto, constitui-se como uma maneira de expressar ideias, emoções e experiências, articulando pensamento e sentimento, razão e imaginação.

Complementando essa visão dos autores citados no parágrafo anterior, Cordeiro (2023) ressalta que as linguagens artísticas possuem papel essencial no desenvolvimento humano, pois permitem ao indivíduo ampliar sua percepção estética e fortalecer sua identidade cultural. Assim, a arte deve ser compreendida não apenas como expressão individual, mas também como fenômeno social e educativo, capaz de promover o diálogo, a criticidade e a transformação da realidade.

Canclini (1984) amplia o entendimento da arte ao relacioná-la diretamente com as práticas culturais de um povo, compreendendo-a como o espaço em que o sensível e o imaginário se articulam para a construção de significados coletivos. Para o autor, a arte envolve atividades ou aspectos de atividades de uma cultura em que se trabalha o sensível e o imaginário, com o objetivo de alcançar o prazer e desenvolver a identidade simbólica de um povo ou de uma classe social, em função de uma práxis transformadora.

Assim, a arte se configura não apenas como expressão estética individual, mas como prática social que possibilita o diálogo entre o indivíduo e o coletivo, contribuindo para a formação crítica e cultural do sujeito. As linguagens artísticas inseridas no contexto educacional são de suma importância para uma significativa construção do repertório cultural e sensível do ser humano.

A arte permite ao ser humano vislumbrar um mundo ao seu redor belo e criativo, podendo refletir no que se vê. Conforme Zagonel (2008), compreende-se a Arte, como proposta de ensino, como o aprendizado das diversas linguagens artísticas, como as artes visuais integradas à fotografia, ao audiovisual, ao desenho, à escultura, à pintura, à gravura, à música, às artes cênicas formadas pela linguagem do teatro e da dança. Já os autores Cordeiro, Araújo e Anjos (2021) compreendem a Arte como:

Entende-se, portanto, que a Arte é a habilidade para fazer ou produzir algo de acordo com certos métodos, faz parte da cultura, atua nos campos da sensibilidade e imaginação, dá prazer e desenvolve a identidade simbólica de um grupo, povo ou classe social, gerando uma práxis transformadora. A arte dá unidade a uma população (Cordeiro; Araújo; Anjos, 2021, p. 5).

De acordo com os autores citados, a Arte é definida como habilidade, ou seja, é o saber fazer, que representa a transformação do conhecimento na capacidade de produzir algo e está interligada à cultura de um povo. Percebe-se, nas atividades realizadas com as crianças, uma compreensão consistente sobre o papel da arte, tanto em sentido amplo quanto na educação infantil. A arte é entendida como uma vivência que ocorre no contato com diferentes materiais e referências culturais, sendo também uma forma de expressão e criação (Ostetto, 2024).

Santos e Sousa (2020) afirmam que as inúmeras experiências artísticas no espaço escolar proporcionam aos sujeitos envolvidos no processo, professores e alunos, momentos de aprendizagens como pensar e repensar formas, conceitos e abordagens diversas para constituição de identidades, memórias e, sem dúvidas, uma aprendizagem significativa.

No que se refere ao ensino de Arte na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), parte-se do pressuposto de que a sensibilidade, a intuição, o pensamento e as subjetividades dos estudantes manifestam-se como formas legítimas de expressão no processo de aprendizagem. A BNCC compreende que o conhecimento em Arte se constrói a partir da vivência, da experimentação e da criação, reconhecendo que os processos criativos possuem a mesma relevância que os produtos finais. Dessa forma, o ensino de Arte busca favorecer o desenvolvimento dessas dimensões subjetivas e cognitivas, valorizando o percurso formativo do estudante tanto quanto os resultados alcançados (Brasil, 2017).

No componente curricular Arte, no âmbito do Ensino Fundamental, a BNCC organiza o ensino a partir de quatro linguagens: Artes Visuais, Dança, Música e Teatro. Essas linguagens articulam conhecimentos relacionados aos produtos e aos fenômenos artísticos, abrangendo práticas que envolvem criar, apreciar, produzir, experimentar, expressar e refletir sobre as diferentes formas de manifestação artística. Dessa maneira, o ensino de Arte busca promover a compreensão crítica e sensível das produções artísticas, reconhecendo-as como formas de conhecimento cultural e expressão humana (Brasil, 2017).

Conforme orienta a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), observa-se de maneira detalhada a organização do componente curricular Arte a partir de quatro linguagens fundamentais: Artes Visuais, Dança, Música e Teatro. Cada uma dessas linguagens apresenta formas específicas de expressão e aprendizagem, contribuindo de modo singular para o desenvolvimento sensível, criativo e cognitivo do aluno. A partir dessa perspectiva, torna-se possível compreender como essas linguagens se manifestam no processo educativo, favorecendo experiências artísticas que ampliam a percepção, a expressão e a leitura de mundo dos estudantes (Brasil, 2017).

As Artes Visuais são os processos e produtos artísticos e culturais, nos diferentes tempos históricos e ambientes sociais, que têm a manifestação visual como elemento de comunicação. Essas expressões decorrem de explorações plurais e modificações de materiais, de recursos tecnológicos e de ocupações da cultura cotidiana.

A dança consiste como prática artística pelo pensamento e sentimento do corpo, por intermédio da articulação dos processos cognitivos e das vivências sensíveis implicadas no movimento dançado. Os processos de investigação e produção artística da dança centralizam-

se naquilo que acontece no e pelo corpo, comunicando e dando significado às relações entre corporeidade e produção estética.

A música é a representação artística que se concretiza por meio dos sons que ganham forma, sentido e significado no campo tanto da sensibilidade subjetiva como das inter-relações sociais, como resultado de saberes e valores diversos definidos no domínio de cada cultura.

O teatro estabelece a vivência artística multissensorial de encontro com o outro em performance. Nessa experiência, o corpo é o lócus de criação ficcional de tempos, espaços e sujeitos diferentes de si próprios, por meio do verbal, não verbal e da ação física. Os procedimentos de criação teatral dão-se por situações de criação coletiva e colaborativa, por meio de jogos, improvisações, interpretações e encenações, marcadas pela interação entre atuentes e plateia (Brasil, 2017).

O componente Arte no Ensino Fundamental articula manifestações culturais de tempos e vários espaços, incluindo o entorno artístico dos discentes e as criações artísticas e culturais que lhes são vigentes. No sentido histórico, social e político, possibilita a compreensão dos costumes e dos valores que formam as culturas, manifestados em seus processos e produtos artísticos, o que colabora para sua formação integral.

Acredita-se que as linguagens artísticas sejam extremamente relevantes no que se refere ao Ensino da Arte; as práticas pedagógicas voltadas para esse ensino devem ser levadas em consideração, tendo em vista que essas produções artísticas, o teatro, a dança, as artes visuais e a música são fontes de diversos conhecimentos. Dessa forma, prossegue-se a análise com a discussão sobre as linguagens artísticas na Educação Infantil e no Ensino Fundamental.

2.2 As linguagens artísticas na Educação Infantil e no Ensino Fundamental

A arte, nas suas diversas linguagens: música, dança, teatro e artes visuais, constitui um importante meio de expressão, comunicação e construção do conhecimento. Desde a Educação Infantil até o Ensino Fundamental, as experiências artísticas favorecem o desenvolvimento integral do educando, integrando aspectos cognitivos, afetivos, motores e sociais. As linguagens artísticas estimulam a criatividade, a imaginação e a sensibilidade estética, proporcionando à criança a possibilidade de compreender e representar o mundo de maneira simbólica e crítica. De acordo com Batalha e Santos (2018):

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96) estabelece que a educação infantil é a primeira etapa da educação básica. Neste ambiente, as crianças devem ter acesso a conhecimentos da realidade social e cultural que garantam seu desenvolvimento integral. As crianças em seu pleno

desenvolvimento podem, por meio do processo de ensino e aprendizagem de arte e suas linguagens, se comunicar e se expressar atribuindo sentido a sensações, sentimentos, pensamentos e realidade (Batalha; Santos, 2018, p. 59).

A citação destaca que a Educação Infantil, reconhecida pela LDB como a primeira etapa da educação básica, deve assegurar às crianças experiências educativas que favoreçam seu desenvolvimento integral. Nesse contexto, o ensino da arte e de suas diferentes linguagens assume papel relevante, pois possibilita que as crianças se comuniquem, expressem-se, pois entende-se que crianças nesta faixa etária estão em constante descoberta e conquistam seus conhecimentos também por meio da sensibilidade.

Há pouco tempo, a Educação Infantil não fazia parte oficialmente do ciclo básico de ensino; no entanto, com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Brasil, 1996), essa etapa passou a ocupar um espaço reconhecido e importante na formação da criança. Da mesma forma, a arte conquistou seu lugar nesse contexto, assumindo um papel fundamental no processo educativo, por integrar dimensões do conhecimento, da sensibilidade e da cultura, contribuindo de maneira significativa para o desenvolvimento integral do educando.

À luz dessa compreensão, Martins, Picosque e Guerra (1998) concebem como arte a expressão de múltiplas linguagens, como a visual, a musical, a cênica, a da dança e a cinematográfica, entre outras. Cada uma dessas expressões constitui um modo particular de o ser humano comunicar-se com o mundo e refletir sobre sua própria existência. Assim, toda linguagem artística representa uma forma singular de pensamento e de sensibilidade, na qual o indivíduo traduz suas percepções, emoções e experiências em produções simbólicas que expressam seu estar-no-mundo.

Corroborando com essa percepção, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) (Brasil, 1998) reconhecem explicitamente a importância da arte na formação integral da criança. Conforme destaca Cordeiro (2023), no Artigo 6º dessas Diretrizes, o princípio estético é considerado um dos eixos fundamentais do processo educativo, compondo, junto aos princípios ético e político, o tripé formativo que orienta o desenvolvimento infantil. Conforme o artigo 6º:

Art. 6º As propostas pedagógicas de Educação Infantil devem respeitar os seguintes princípios: I – Éticos: da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades. II – Políticos: dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática. III – Estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais (Brasil, 1998, p. 2).

Esse artigo citado define os três pilares fundamentais que devem orientar todas as propostas pedagógicas da Educação Infantil no Brasil: o ético, o político e o estético. E esses princípios estão interligados e expressam uma visão integral e humanizadora da educação.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Brasil, 1998) ressaltam que o currículo dessa etapa deve possibilitar vivências que promovam o autoconhecimento e a compreensão do mundo em que a criança está inserida. Essas experiências devem envolver o corpo, os sentidos e as expressões, respeitando o ritmo individual de cada criança. Além disso, é essencial que o brincar esteja presente como forma de aprendizado, favorecendo o desenvolvimento das múltiplas linguagens verbal, artística, musical e dramática. Assim, as instituições de Educação Infantil têm a responsabilidade de propor práticas pedagógicas que integrem essas experiências e estimulem o desenvolvimento integral.

Conforme a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) Brasil (2017), O ensino de Arte ajuda os alunos a refletirem de forma crítica sobre o mundo em que vivem, estimulando a compreensão da sua diversidade e complexidade. Além disso, promove o respeito às diferenças e o diálogo entre diferentes culturas, etnias e línguas, o que é essencial para o desenvolvimento da cidadania. Por meio da arte, é possível conhecer, valorizar e trocar experiências entre distintas manifestações culturais, reconhecendo tanto o que há de comum quanto o que torna cada uma delas única.

A BNCC destaca a função formativa e social da Arte na educação. Ela explica que o ensino de Arte vai muito além do desenvolvimento de habilidades técnicas ou estéticas; ele contribui para que os alunos compreendam o mundo de forma crítica e reflexiva, reconhecendo sua diversidade e complexidade. Ao mencionar o respeito às diferenças e o diálogo intercultural, pluriétnico e plurilíngue, o texto ressalta que a Arte é um instrumento de inclusão e valorização da diversidade cultural, pois permite aos estudantes conhecer e dialogar com diferentes formas de expressão e modos de vida.

Desse modo, o ensino de Arte estimula a cidadania, já que promove atitudes de empatia, respeito e convivência democrática. A troca entre culturas artísticas diferentes ajuda os alunos a identificar semelhanças e diferenças culturais, compreendendo que todas têm valor e merecem reconhecimento, o que fortalece a construção de uma sociedade mais justa e plural. Para as autoras Santos e Costa (2020):

A criança, desde que nasce, depara-se com um repertório de símbolos e significados construídos pelas gerações que a precederam e, participando das

práticas culturais do seu grupo, reconstrói os significados do mundo físico, psicológico, social, estético e cultural. O mundo simbólico será conhecido e ressignificado no convívio e acesso aos jeitos de pensar e fazer e aos códigos, entre eles os códigos da Arte (Santos; Costa, 2020, p. 2).

Conforme a fala das autoras citadas, desde o nascimento, a criança entra em contato com um conjunto de símbolos, valores e significados produzidos por gerações anteriores. Ao participar das práticas culturais do seu grupo social, ela passa a reinterpretar e reconstruir o sentido do mundo ao seu redor, seja ele físico, emocional, social, estético ou cultural. Assim, é por meio da convivência e da interação com os modos de pensar, agir e se expressar que a criança passa a compreender e ressignificar os diversos códigos que compõem a arte.

Em consonância com essa compreensão, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (Brasil, 1998), esse processo pode ser ampliado pela ação intencional do educador; contudo, a criação artística permanece como uma experiência própria da criança. Tal criação ocorre a partir do contato com diferentes objetos e manifestações artísticas, bem como do prazer envolvido no fazer artístico, na simbolização, na leitura de imagens e no aprimoramento dos gestos. Trata-se de um processo gradual, que se desenvolve desde as primeiras experiências até a exploração mais consciente das linguagens artísticas.

Durante a Educação Infantil, as atividades artísticas oferecem valiosas oportunidades para o desenvolvimento da criança, pois possibilitam o contato com diferentes materiais e formas de expressão. Além disso, permitem que a arte se manifeste de maneira espontânea nas brincadeiras ou por meio de propostas pedagógicas orientadas, estimulando a criatividade e a exploração do ambiente. Nesse sentido, Batalha e Santos (2018) ressaltam a importância de compreender as diferentes fases do desenvolvimento infantil, especialmente no que se refere ao processo de aprendizagem artística.

Para iniciar um trabalho pedagógico na educação infantil, é necessário ter o pleno conhecimento das fases do desenvolvimento da aprendizagem da criança, sobretudo em se tratando do desenvolvimento artístico e das fases da evolução do desenho infantil. Nesse contexto, existe uma correspondência do olhar da criança para a arte que vai se expressar de acordo com a sua maturação (Batalha; Santos, 2018, p. 61).

A citação mostra-nos que o ensino da arte na Educação Infantil não pode ser desenvolvido de forma aleatória ou desvinculada das especificidades do desenvolvimento infantil. Ao afirmar a necessidade de conhecer as fases da aprendizagem e da evolução do desenho da criança, Batalha e Santos (2018) ressaltam que a produção artística infantil é resultado de processos de desenvolvimento cognitivos, emocionais e motores que se transformam ao longo do tempo. Dessa forma, o desenho e outras manifestações artísticas não

devem ser avaliados a partir de critérios estéticos adultos, mas compreendidos como expressões legítimas do modo como a criança percebe, interpreta e se relaciona com o mundo em cada etapa do seu desenvolvimento.

Nesse sentido, as atividades lúdicas, o teatro, a dança, a pintura, o desenho, a criatividade e as narrativas infantis representam momentos em que as crianças expressam sentimentos, comunicam ideias e transformam suas experiências por meio da arte. Tais vivências, quando organizadas de forma planejada pelo educador, assumem também um caráter educativo, ampliando as possibilidades de aprendizagem e desenvolvimento infantil. Conforme destaca Kishimoto (1996):

Quando as situações lúdicas são intencionalmente criadas pelo adulto com vistas a estimular certos tipos de aprendizagem, surge a dimensão educativa. Desde que mantidas as condições para a expressão do jogo, ou seja, a ação intencional da criança para brincar, o educador está potencializando as situações de aprendizagem (Kishimoto, 1996, p. 36).

Esta citação nos permite compreender que as situações lúdicas, quando organizadas de forma intencional pelo educador, assumem uma dimensão educativa sem perder sua essência. No contexto da arte, essa intencionalidade manifesta-se por meio de atividades como o desenho, a pintura, o teatro, a música e a dança, que possibilitam à criança brincar, criar e expressar-se livremente.

Para Batalha e Santos (2018), O brincar constitui-se como a principal forma de expressão da infância, por meio da qual a criança vivencia diferentes papéis sociais, inspira-se em personagens de filmes, histórias e livros e cria situações imaginárias. Nesse processo, ela manipula objetos, observa atentamente o ambiente, imita colegas e recria gestos corporais e vocais de maneira adaptada. O uso de pequenos adereços favorece a construção de personagens e a interpretação de múltiplos papéis, possibilitando a comunicação de ideias e sentimentos. Tais experiências lúdicas contribuem para que a criança compreenda, explore e interaja com o mundo que a cerca.

Dialogando com essa concepção, Santos e Costa (2020) na Educação Infantil, a criança vivencia intensamente o contato com o mundo concreto, utilizando os sentidos como principal forma de explorar e compreender a realidade. Essa fase é marcada pela descoberta, pela curiosidade e pela estimulação constante das habilidades perceptivas e imaginárias, o que favorece o processo de ensino-aprendizagem e amplia a compreensão das diversas áreas do conhecimento. De acordo com Fusari e Ferraz (1993):

A criança se exprime naturalmente tanto do ponto de vista verbal como plástico ou corporal e sempre está motivada pelo desejo da descoberta e por suas fantasias. Ao acompanhar o desenvolvimento expressivo da criança, percebe-se que ele resulta das elaborações de sensações, sentimentos e percepções vivenciadas intensamente. Por isso, quando ela desenha, dança e canta, o faz com vivacidade e muita emoção. (Fusari; Ferraz, 1993, p. 55).

Compreende-se, conforme a citação acima, que, ao preservar a espontaneidade e o envolvimento ativo da criança nas práticas artísticas, o educador favorece aprendizagens significativas, uma vez que a arte, enquanto linguagem, contribui para o desenvolvimento da sensibilidade, da imaginação, da criatividade e da expressão de sentimentos e ideias. Assim, o brincar aliado à arte constitui-se como um recurso pedagógico potente, capaz de integrar aspectos cognitivos, emocionais, sociais e culturais no processo de aprendizagem infantil.

Segundo Leite (2020), limitar o acesso das crianças apenas a produções voltadas ao público infantil, como músicas, filmes e peças de teatro, restringe suas formas de compreender e se relacionar com o mundo. Ao contrário, quando a escola integra a arte e a natureza em seus espaços educativos, promove vivências estéticas que ampliam a imaginação e o senso crítico, possibilitando que crianças e professores construam juntos experiências de aprendizagem mais criativas e autônomas.

À medida que esse percurso se amplia, no Ensino Fundamental, o ensino de Arte passa a ser organizado de forma mais intencional e estruturada, possibilitando que os alunos não apenas experimentem diferentes linguagens artísticas, mas também reflitam sobre suas produções, apreciem obras de arte e compreendam seus contextos históricos e culturais.

Rocha (2011) acredita que, na infância, por exemplo, as crianças poderão e deverão ter contato com a construção do conhecimento em Arte, cabendo ao professor mediar e valorizar seus processos e vivências. Para isso, explorar pesquisas, contemplar obras de arte e refletir sobre essa produção, sobre as manifestações e objetos artísticos, torna-se fundamental.

Nesse sentido, o trabalho com a arte na escola não deve restringir-se à reprodução de modelos ou a atividades meramente decorativas, mas deve possibilitar vivências significativas que ampliem o repertório cultural e expressem sentimentos, ideias e percepções. Como afirmam Santos e Costa (2020), a arte é essencial na formação da criança, pois favorece o desenvolvimento cognitivo, emocional e intelectual, tornando-se um instrumento indispensável no processo educativo.

Desta feita, a arte, como forma de linguagem e expressão, precisa ser valorizada e incentivada, visto que auxilia no desenvolvimento e aprimoramento do processo de aprendizagem. Assim, compreender o papel das linguagens artísticas na Educação Infantil e no Ensino Fundamental é reconhecer sua relevância para o desenvolvimento integral e para a construção de uma aprendizagem sensível, criativa e humanizadora.

Assim, compreender a relevância das linguagens artísticas implica analisar a ação docente no ensino da arte, especialmente no que se refere à organização de práticas que valorizem a expressão, a criatividade e o desenvolvimento integral do educando, tema que será abordado na seção a seguir.

3 AÇÃO DOCENTE NO ENSINO DA ARTE

Nos últimos anos ocorreram inúmeras e significativas mudanças no campo do Ensino da Arte nas escolas, no que se refere ao ponto de vista teórico, prático, curricular e pedagógico. Como educadores do Ensino da Arte, precisamos possibilitar o acesso do aluno às mais diversas produções artísticas; devemos também nos apropriar de diversas metodologias e mecanismos educativos, para que assim o ensino se torne mais aprofundado e significativo. Faz-se necessário valorizar todas as produções como fonte de informações visuais, sonoras, literárias etc. Acredita-se que cada experiência estética proporciona um despertar e um desenvolvimento importantíssimo.

Nessa perspectiva, acredita-se que o professor, ao considerar as especificidades da faixa etária e as necessidades de aprendizagem de cada estudante, pode desenvolver um trabalho pedagógico capaz de alcançar os objetivos propostos. Tal atuação está em consonância com as orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que enfatiza práticas pedagógicas que valorizem a arte como linguagem, expressão e conhecimento (Brasil, 2017). Nesse sentido, a

A BNCC propõe que a abordagem das linguagens articule seis dimensões do conhecimento que, de forma indissociável e simultânea, caracterizam a singularidade da experiência artística. Tais dimensões perpassam os conhecimentos das Artes Visuais, da Dança, da Música e do Teatro e as aprendizagens dos alunos em cada contexto social e cultural (Brasil, 2017, p. 194).

A proposta da BNCC na citação anterior sobre as linguagens artísticas é de suma relevância para a aprendizagem do aluno; para isso, precisam estar inseridos em contextos sociais e culturais e nada melhor que a escola para proporcionar esse ambiente, a começar pelas salas de aulas que sejam adequadas para aulas expositivas de artes visuais, aulas de dança, música, teatro etc. É necessário ser apropriado, para que assim a prática docente possa incluir e proporcionar essas vivências para as nossas crianças, visto o quanto essas experiências são ricas e contribuem para o aprendizado do aluno.

No cotidiano escolar, a atuação do professor é determinante para a efetivação das linguagens artísticas como experiências educativas significativas, uma vez que é por meio de sua mediação que as crianças entram em contato com as artes visuais, a dança, a música e o teatro. No que se refere às artes visuais, configuram-se como uma linguagem que articula dimensões cognitivas, sensíveis e culturais, contribuindo de maneira significativa para o

desenvolvimento e o aprimoramento das habilidades motoras das crianças, especialmente por meio da exploração e do manuseio de diferentes materiais.

Conforme Batalha e Santos (2018), no contexto do fazer artístico na Educação Infantil, especialmente com crianças de zero a três anos, é fundamental disponibilizar instrumentos, materiais e suportes diversificados, em diferentes tamanhos, desde que as crianças já apresentem condições motoras para manipulá-los. Esses recursos podem ser explorados de forma individual ou em pequenos grupos, favorecendo experiências significativas.

Acredita-se que, para a realização de atividades de pintura, é importante permitir que as crianças escolham, sempre que possível, tintas, lápis, papéis, cores, pincéis, colas coloridas e outros materiais, estimulando o desenvolvimento da criatividade. Além disso, a utilização de suportes variados, como tecidos, papéis ou madeiras, possibilita a experimentação de marcas, gestos e texturas, bem como a exploração do espaço físico, promovendo movimentos amplos e livres, essenciais para o desenvolvimento da dimensão espacial nessa faixa etária.

De acordo com Batalha e Santos (2018), as garatujas e o desenho configuram-se como as primeiras manifestações gráficas da criança, desempenhando um papel fundamental no desenvolvimento da coordenação motora, do controle dos movimentos e da expressão inicial de ideias e sentimentos. Essas produções espontâneas representam uma etapa essencial do processo de desenvolvimento infantil, pois possibilitam à criança experimentar traços, formas e movimentos, estabelecendo relações entre ação motora e percepção visual.

Em relação ao desenho, a criança observa como uma superfície, que ela sente a alegria em rabiscar, explorar e descobrir as cores e novas superfícies. As garatujas, com o passar do tempo, com novas experiências de mundo, a criança vai se aprimorando e ganhando formas e cores bem definidas. Vale destacar que desenhar não é apenas prazer e realizar algo na escola, vai muito além, traz significado e é muito importante para a criança. Para Toome e Straioto (2018):

O professor pode se utilizar de superfícies diferentes como lixa, papelão, papel branco, madeira, chão, entre outros, para ajudar no desenvolvimento motor da criança. No ato de desenhar, a criança revela seu lado afetivo e expressa os seus sentimentos no desenho, a sua relação com a família, os amigos e a escola. Por meio dos traços feitos pela criança, até mesmo pelas cores usadas, o professor identifica o que está acontecendo com ela e que pode estar levando-a ao fracasso escolar (Toome; Straioto, 2018, p. 271).

Desta forma, o professor, ao trazer propostas de atividades de artes como o desenho, pode fazer uso de inúmeros objetos; basta usar a criatividade e imaginação. Por meio do desenho, o professor pode identificar como andam as emoções e o desenvolvimento da criança, por meio das imagens e cores expressadas.

Corroborando com o mesmo pensamento de Toome e Straioto (2018), Rocha (2011) afirma que é fundamental que o professor proporcione às crianças oportunidades de explorar e manipular diferentes materiais, como lápis e pincéis de variadas texturas e espessuras, brochas e carimbos, bem como utilizar diversos meios, como tintas, água, areia, terra e argila. Além disso, é importante oferecer variados suportes, como jornal, papel, papelão, parede, chão, caixas, madeira e telas de pintura. O uso desses recursos torna as atividades mais atrativas e prazerosas, ao mesmo tempo em que estimula a curiosidade e o interesse das crianças pela pesquisa e pela arte contemporânea.

A partir dessa experimentação com diferentes materiais e suportes, o professor pode introduzir o estudo das cores como um elemento essencial da linguagem visual. Trabalhar com cores permite ampliar a percepção estética dos alunos, favorecendo a compreensão de contrastes, harmonias e sensações visuais.

A pintura que acompanha o desenho, ainda de acordo com Toome e Straioto (2018), na ação de pintar, a criança interpreta obras, faz recriação de imagens e, quando ela pinta por observação, ela tem a capacidade de transformar, reconstruir, de realização e também de construir nos objetos novas formas, texturas. Além disso, o ato de pintar na Educação Infantil proporciona à criança o desenvolvimento motor, afetivo e social.

Conforme as autoras Toome e Straioto (2018), a correlação que a criança demonstra com os diferentes materiais se dá, no início, por meio da exploração sensorial e da utilização em diversas brincadeiras. Tudo isso influencia na sua criatividade e imaginação. A vivência sensorial é essencial para o desenvolvimento da imaginação, pois permite que a criança experimente, combine e transforme os materiais de acordo com sua percepção e curiosidade. Assim, a exploração lúdica se torna um caminho importante para o desenvolvimento da criatividade e da expressão pessoal.

O teórico Vygotsky (2009) afirma que a imaginação é a base de toda ação criadora, expressa-se, sem dúvidas, em todos os campos da vida cultural, resultando possível a criação artística, a científica e a técnica. Portanto, indispensavelmente, tudo o que nos rodeia e foi feito pelas mãos dos homens, todo o universo da cultura, diferente do mundo da natureza, tudo isso é resultado da imaginação e da criação humana que nela se norteia.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (Brasil, 1998, p. 91), “Os símbolos representam o mundo a partir das relações que a criança estabelece consigo mesma, com as outras pessoas, com a imaginação e com a cultura”. O RCNEI destaca que a criança utiliza os símbolos como meios de representar e ressignificar o mundo a partir de suas próprias vivências.

Percebe-se que, no desenvolvimento artístico infantil, o desenho ocupa lugar central por constituir a base das demais linguagens visuais. Na fase da garatuja, o ato de desenhar caracteriza-se como uma ação exploratória, na qual a criança sente prazer nos efeitos visuais produzidos por seus gestos, sem a intenção de representar formas definidas, passando rapidamente para novas experiências expressivas.

Segundo Ostrower (1990), nos primeiros momentos do desenvolvimento cognitivo, o desenho manifesta-se como uma atividade de caráter lúdico, que amplia as possibilidades da imaginação infantil. Nessa etapa inicial, a criança passa a reconhecer as potencialidades dos traços, e a exploração, inicialmente marcada por movimentos motores, evolui gradativamente para a construção de representações dos objetos e do mundo ao seu redor.

De forma integrada, as atividades que envolvem outras linguagens e experiências corporais também favorecem o fortalecimento dessas competências. Práticas cotidianas mediadas pelo brincar, como pular, caminhar, dançar, pintar e realizar diversas tarefas, promovem gradativamente o aperfeiçoamento das capacidades motoras, possibilitando a execução de ações mais complexas, como escrever, utilizar a tesoura ou o pincel.

Nesse contexto, para a efetivação do processo de ensino e aprendizagem na linguagem das artes visuais nessa etapa da educação, torna-se imprescindível considerar as especificidades, os esquemas de conhecimento e o nível de desenvolvimento de cada faixa etária. Dessa forma, o trabalho pedagógico deve integrar, de maneira articulada, diferentes níveis do processo cognitivo, como a cognição, a sensibilidade, a percepção, a imaginação e a reflexão, favorecendo uma aprendizagem significativa e integral, pois entende-se que desenho infantil é tão importante quanto o gesto e a fala, é a primeira escrita da criança.

Vale ressaltar que, no contexto da Educação Infantil, o desenho muitas vezes é abordado de maneira limitada no cotidiano escolar, sendo realizado a partir de modelos prontos e desvinculados de uma proposta artística significativa. Com frequência, essa prática é utilizada apenas como complemento de outras atividades, assumindo a função de passatempo, de reforço

para a aprendizagem de diferentes conteúdos ou de exercício de coordenação motora, e não como uma atividade que possua valor e finalidade próprios no processo educativo. De acordo com Vieira, Silva e Carvalho (2020), sobre o fazer artístico das crianças, afirmam que:

É no fazer artístico que as crianças se expressam e constroem outras possibilidades linguísticas. Elas exploram, sentem e refletem acerca de suas produções; dão significados e elaboram sentidos a partir de suas experiências artísticas, sendo levadas a desenvolver sua sensibilidade permeada por todos os sentidos. [...] É uma área do conhecimento que contribui de maneira contundente para o desenvolvimento pleno do sujeito e, principalmente, o pedagogo que, por meio da elaboração e efetivação de propostas pedagógicas criativas e eficazes, pode ou não aproximar a criança das muitas linguagens da arte (Vieira; Silva; Carvalho, 2020, p. 60).

Segundo a citação das autoras, os conteúdos de artes, além de estimular a criatividade da criança, precisam possibilitar a sensibilidade, ou seja, as dimensões cognitivas do aprender, e necessariamente devem ser planejados e muito bem organizados pelos professores, tendo em vista que o fazer artístico contribui de forma especial, podendo ser uma constante possibilidade de criação e reflexão para o desenvolvimento global do aluno.

Dessa forma, outra linguagem artística que estimula e desenvolve diversas capacidades nos alunos, como a expressão, a imaginação, a criação, a observação, a percepção, dentre outras, é o teatro, que, no processo de formação da criança, tem função integradora, mediante trocas com seus pares e, além disso, a prática teatral como mediação pedagógica estimula a criança ao aprendizado. Ou seja, as vivências que se relacionam à sua prática são importantes instrumentos pedagógicos para a aprendizagem da criança na escola e contribuem para o seu desenvolvimento intelectual.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) afirmam que: “A dramatização acompanha o desenvolvimento da criança como uma manifestação espontânea, assumindo feições e funções diversas, sem perder jamais o caráter de integração e de promoção de equilíbrio entre ela e o meio ambiente”. Nessa perspectiva, compreende-se que a experiência teatral contribui de maneira significativa para a formação integral da criança, favorecendo seu desenvolvimento pessoal ao ampliar as possibilidades de convivência entre o indivíduo e o coletivo, promove o respeito às diferenças e estimula atitudes de participação e responsabilidade em relação ao outro, aspectos fundamentais para a construção da cidadania.

Segundo Reverbel (1996), sua proposta metodológica defende que as atividades sejam desenvolvidas de forma coletiva, no espaço da sala de aula, sob a mediação do professor. A ação dramática emerge a partir dos jogos e pode articular-se com diferentes linguagens e áreas.

do conhecimento, como a música, a dança, as artes visuais, a mímica, a literatura, a história e a geografia, além de temas de cunho religioso, político e social.

Essa integração tem como objetivo ampliar o acesso às informações, estimular as habilidades artísticas e favorecer o desenvolvimento do pensamento crítico, possibilitando que a criança compreenda, assimile e reflita sobre os conhecimentos construídos ao longo do processo educativo. Reverbel (1996) destaca que:

O professor deve adaptar as atividades e ordem de aplicação de cada conjunto às condições de espaço, de material colocado à disposição das crianças e, principalmente, partir da sua própria percepção dos tipos de personalidade das crianças com quem trabalha. O educador deverá adaptar o ensino a cada momento, a cada criança e a cada grupo (Reverbel, 1996, p. 25).

A autora ora citada ressalta a importância da flexibilidade e da sensibilidade do professor no planejamento e na condução das atividades pedagógicas. Entende-se que o educador deve considerar as condições concretas do contexto escolar, como o espaço físico e os materiais disponíveis, bem como as características individuais das crianças, incluindo seus diferentes ritmos, interesses e tipos de personalidade. Dessa forma, o ensino não deve ser rígido ou padronizado, mas adaptado continuamente às necessidades de cada criança e de cada grupo, garantindo que as experiências propostas sejam significativas, inclusivas e favoreçam o desenvolvimento integral no processo educativo.

Portanto, compreende-se que o teatro na educação infantil é um importante recurso pedagógico que traz inúmeras contribuições para a formação e o desenvolvimento da criança. Por isso é relevante conhecer os modos de explorar essa linguagem para desenvolver um trabalho que proporcione uma aprendizagem significativa para o aluno. Do mesmo modo, outras linguagens artísticas, como a dança e a música, também se configuram como importantes recursos pedagógicos na Educação Infantil, contribuindo significativamente para o desenvolvimento integral da criança.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) (Brasil, 1998), A música faz parte de diferentes momentos da vida humana e está presente ao longo de toda a história da humanidade. A música constitui-se como uma forma de expressão artística tanto no âmbito popular quanto no erudito. A partir desses diferentes contextos, as crianças têm contato com a cultura musical desde muito cedo, iniciando a compreensão de rituais, costumes e tradições musicais.

Percebe-se que, apesar das transformações ocorridas no papel da música na sociedade contemporânea, seu caráter ritual permanece, assim como as práticas de aprender e ensinar por

meio da imitação e da escuta, que articulam o conhecimento prático à transmissão oral. Esses aspectos são fundamentais para o processo de ensino e aprendizagem, uma vez que o contato espontâneo e intuitivo com a música desde os primeiros anos de vida configura-se como um ponto de partida essencial para a construção do conhecimento musical. Conforme o RCNEI (1998) diz:

Ouvir música, aprender uma canção, brincar de roda, realizar brinquedos rítmicos, jogos de mãos etc. são atividades que despertam, estimulam e desenvolvem o gosto pela atividade musical, além de atenderem a necessidades de expressão que passam pela esfera afetiva, estética e cognitiva. Aprender música significa integrar experiências que envolvem a vivência, a percepção e a reflexão, encaminhando-as para níveis cada vez mais elaborados. (Brasil, 1998, p. 48).

Compreende-se, por meio do documento citado no parágrafo anterior, que o contato com a música, por meio de atividades como ouvir canções, cantar, brincar de roda e realizar jogos rítmicos, contribui significativamente para o desenvolvimento do interesse e da sensibilidade musical das crianças. Essas experiências não se limitam ao aspecto técnico, mas envolvem dimensões afetivas, estéticas e cognitivas, permitindo que a criança expresse sentimentos, perceba sons e reflita sobre as vivências musicais.

Para as autoras Batalha e Santos (2018), a música está presente no cotidiano das pessoas e manifesta-se em diferentes contextos, como no rádio, na televisão, na internet, nas brincadeiras, nas expressões espontâneas, na escola, no ambiente familiar e em diversas situações da convivência social. Enquanto linguagem e forma de conhecimento, seu ensino deve ser organizado a partir dos três eixos que orientam o processo de ensino e aprendizagem da arte: a produção, a apreciação e a reflexão.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (Brasil, 1998), a apreciação musical com crianças de quatro a seis anos pode ser realizada de modo a ampliar sua capacidade de atenção e concentração. Durante o momento de escuta, é importante orientar as crianças para diferentes aspectos da produção musical, como a identificação dos instrumentos utilizados, dos profissionais envolvidos, se se trata de uma banda ou orquestra, bem como o reconhecimento do gênero musical, do contexto histórico de sua criação, da época, do compositor e do intérprete.

Cabe ao professor proporcionar aos alunos diferentes experiências de apreciação musical, por meio de músicas regionais do país e de tradição popular, com o objetivo de

valorizar e aproximá-los dos referenciais musicais da própria cultura. Da mesma forma, o contato com produções musicais de outros países contribui para a compreensão de que a linguagem musical está presente em todas as culturas, apresentando características próprias de cada criador, de cada povo e de cada período histórico. Como destacam Batalha e Santos (2018):

Para desenvolver um trabalho explorando essas linguagens na educação infantil, o professor deve fazer pesquisas e entender que a música e a dança acontecem em diferentes contextos expressivos e culturais que envolvem, entre outras coisas, audições e brincadeiras que devem ser estimuladas, evitando comportamentos estereotipados e mecânicos. Deve ser uma atividade que desperte na criança o gosto pela música e pela dança, na qual seja possível envolver vivências, percepção e reflexão em níveis cada vez mais elaborados, com propostas que respeitem as fases do desenvolvimento infantil (Batalha; Santos, 2018, p. 103).

As autoras citadas enfatizam a importância de propostas que valorizem audições, brincadeiras e experiências corporais significativas, evitando práticas mecanizadas ou estereotipadas. Nesse sentido, as atividades devem despertar o interesse e o prazer da criança, integrando vivências, percepção e reflexão de maneira progressiva, sempre respeitando as etapas do desenvolvimento infantil, de modo a favorecer uma aprendizagem significativa e integral.

A música e a dança, enquanto linguagens da arte na Educação Infantil, configuram-se como importantes meios de inserção cultural e de vivência do prazer. O ensino dessas linguagens artísticas contempla objetivos específicos de cada área e, ao mesmo tempo, contribui de forma significativa para o desenvolvimento e a formação integral da criança, proporcionando aprendizagens que se articulam ao brincar. Além disso, o trabalho com a arte da música e da dança favorece o desenvolvimento corporal e amplia as possibilidades de socialização no contexto educativo (Batalha; Santos, 2018).

Espera-se que a educação musical no contexto escolar deva ser desenvolvida de forma dinâmica, sem se configurar como mais um conteúdo que sobrecarregue o professor e os alunos. Nesse sentido, torna-se necessário refletir sobre como promover aulas criativas, considerando a formação dos docentes e as condições reais das escolas, que muitas vezes apresentam limitações quanto à disponibilidade de recursos.

À luz dessas considerações, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2017) a prática artística também proporciona o partilhar de saberes e de criação entre os estudantes por meio de exposições, como saraus, espetáculos, performances, concertos, recitais,

intervenções, entre outras apresentações e celebrações artísticas e culturais, sejam nas escolas ou em outros locais.

É necessário que esses processos de criação sejam compreendidos como muito importantes; além de tudo, o compartilhar de práticas artísticas produzidas pelos próprios estudantes, em diálogo com o docente, pode ocorrer não só apenas em celebrações específicas, mas ao longo de todo o ano, tornando-se parte de um trabalho em desenvolvimento.

Complementando esse pensamento destacado acima da BNCC sobre a prática artística, a construção do mundo simbólico e o desenvolvimento das percepções infantis acontecem por meio da interação com outras pessoas. Cabe ao professor estimular e ampliar essas experiências, promovendo o aprimoramento das capacidades perceptivas da criança. Ao orientar o aluno a observar, ver, tocar e explorar os elementos ao seu redor, como a natureza, os objetos e as formas, o educador enriquece o conhecimento artístico e estético, favorecendo um aprendizado mais sensível e significativo (Santos; Costa, 2020).

Considerando que a prática educativa não deve se basear em talento ou dom natural, mas sim nas experiências e vivências de cada indivíduo, é papel da escola criar propostas que tornem o ensino de Arte um instrumento de transformação. Por meio dele, os estudantes podem exercer sua cidadania, reconhecendo-se como protagonistas e construtoras de suas próprias trajetórias, capazes de compreender e refletir sobre os caminhos, desafios e escolhas que fazem parte de seu processo de aprendizado e de vida (Rocha, 2011).

Compreende-se que os discentes se expõem e constroem outras alternativas; eles podem pensar sobre suas próprias criações. A arte não deve ser entendida como algo distante; é uma área do conhecimento que contribui de forma relevante no pleno aprendizado do aluno e educador, sendo que o docente é um dos principais a oportunizar esse desenvolvimento, trazendo propostas pedagógicas criativas e eficazes que podem aproximar os alunos dessas mais diversas linguagens artísticas tão importantes.

Diante do exposto, compreende-se que a ação docente no ensino da arte desempenha papel fundamental na promoção de experiências estéticas significativas, capazes de integrar as diferentes linguagens artísticas artes visuais, teatro, música e dança ao processo de ensino e aprendizagem na Educação Infantil e no Ensino Fundamental. Cabe ao professor planejar, mediar e organizar práticas pedagógicas intencionais que respeitem as fases do desenvolvimento infantil, valorizem a expressão, a criatividade e a sensibilidade, e possibilitem à criança criar, conhecer e expressar-se de forma crítica e autônoma.

Assim, o ensino da arte deixa de assumir um caráter meramente complementar e passa a constituir-se como um campo de conhecimento essencial para o desenvolvimento integral do educando, contribuindo para a formação de sujeitos sensíveis, criativos, participativos e conscientes de seu papel social. Dessa forma, ao refletir sobre as práticas pedagógicas no ensino da arte, torna-se necessário destacar a importância do professor como mediador estético e facilitador das experiências artísticas, a seguir na próxima sessão abordada.

3.1 O professor como mediador no campo estético da arte

No processo de ensino e aprendizagem da Arte, o professor assume papel fundamental como mediador entre o aluno e o conhecimento artístico. Sua atuação vai além da simples transmissão de técnicas, envolvendo a criação de situações de aprendizagem que estimulem a sensibilidade, a imaginação e a reflexão. Assim, compreender o papel do professor na mediação estética torna-se essencial para que o ensino da Arte cumpra sua função formativa e contribua para o desenvolvimento integral do educando. Ostetto (2024),

Seja na organização dos espaços, na garantia de acesso a diferentes materialidades ou na partilha de referências artísticas, o papel da educadora se mostra decisivo para a efetivação de propostas que contemplem a dimensão estética, alimentem sensibilidades e potencializem as múltiplas linguagens das infâncias (Ostetto, 2024, p. 20).

Compreende-se, de acordo com a citação, que, quando o educador assume esse papel mediador, ele contribui para o desenvolvimento da sensibilidade, da imaginação e da expressão infantil, reconhecendo as crianças como sujeitos culturais capazes de produzir sentidos por meio de múltiplas linguagens da arte. Por outro lado, a ausência desse olhar pode reduzir as práticas pedagógicas a ações mecânicas e empobrecidas, que desconsideram a dimensão estética como parte fundamental da formação humana. Assim, a citação reforça que a qualidade das experiências artísticas na educação infantil depende diretamente das escolhas pedagógicas do professor e do reconhecimento da arte como elemento central no desenvolvimento integral das infâncias.

A citação com a ideia do autor citado anteriormente (Ostetto, 2024) é clara, pois ambos reforçam a centralidade da ação docente como mediadora das experiências artísticas. Enquanto Ostetto destaca a organização dos espaços, o acesso aos materiais e a partilha de referências como elementos fundamentais para potencializar as múltiplas linguagens das infâncias, Araújo e Oliveira (2015) ampliam essa perspectiva ao enfatizar que tais vivências estéticas contribuem

diretamente para a construção do conhecimento, para o desenvolvimento da sensibilidade, da criatividade e da expressão individual. Assim, os autores convergem ao afirmar que a arte, quando trabalhada de forma intencional e crítica, favorece a formação integral do educando e possibilita uma leitura mais consciente e reflexiva da realidade.

Batalha e Santos (2018) destacam que a formação e o preparo do professor para atuar com as linguagens da arte são fundamentais para elaborar estratégias pedagógicas que promovam aprendizagens significativas aos alunos. Nesse contexto, a escola se configura como um dos principais espaços de transmissão do conhecimento e, em muitas situações, constitui o único ambiente em que a criança tem a oportunidade de vivenciar conteúdos de diferentes áreas do saber.

Em consonância com essa perspectiva, Rocha (2011) ressalta que é essencial que a escola ofereça experiências de aprendizagem realmente significativas, permitindo o contato dos alunos com diversas manifestações artísticas e culturais. Para isso, cabe ao professor adotar práticas pedagógicas e estratégias que possibilitem ao educando compreender as obras de arte em seus variados contextos históricos e sociais, ampliando sua visão de mundo e fortalecendo o entendimento das diferentes expressões culturais presentes ao seu redor.

Constata-se que a falta de motivação dos alunos em relação à própria participação nas atividades propostas pode decorrer da ausência de preparo adequado do professor para atuar como mediador. Muitas vezes, o docente reproduz métodos de ensino semelhantes aos que ele próprio vivenciou, repetindo padrões que pouco contribuem para o contexto do ensino da arte. Na escola, a produção de pinturas geralmente se restringe à cópia ou releitura de obras existentes; embora essa prática possa ser útil para trabalhar os elementos formais das artes visuais, como ponto, linha, forma, cor e textura, ela não deve ser limitada a isso, devendo permitir experiências mais amplas e criativas.

Diante disso, de acordo com Ostetto (2024), a professora da educação infantil exerce uma importância essencial como mediadora, escutando e valorizando os conhecimentos que as crianças expressam por meio de suas ações, falas e descobertas, relacionando-os com os saberes artísticos e culturais. Além disso, é indispensável que o adulto demonstre sensibilidade e abertura para perceber com atenção as manifestações das crianças, incentivando suas ideias e investigações, ao mesmo tempo em que amplia suas referências com novas experiências e estímulos criativos.

Segundo Santos e Costa (2020), a arte exerce um papel primordial no desenvolvimento do aluno, pois permite que a criança expresse e libere suas inibições, estimule a criatividade, a imaginação e fortaleça sua autoconfiança. Os autores ressaltam ainda que incluir a arte no planejamento pedagógico é essencial, uma vez que suas atividades possibilitam experiências significativas e aprendizagens mais expressivas. No entanto, ainda há um longo caminho a ser traçado e muito a se fazer nas realizações de atividades artísticas na prática. Rocha (2011) afirma que:

[...] ainda podemos perceber que há um longo caminho a ser percorrido para que esse ensino seja de fato significativo e promova a construção do conhecimento em arte. Percebe-se a necessidade de rever as práticas pedagógicas, pois é de extrema importância desenvolver processos de criação de desenhos, pinturas, explorando o conhecimento das crianças e dos elementos das artes visuais (Rocha, 2011, p. 8).

A fala da autora citada mostra que, embora a arte esteja presente no currículo escolar, ainda é necessário repensar as metodologias utilizadas para que o ensino se torne realmente significativo. A autora resalta que o simples ato de ensinar técnicas não é suficiente; é preciso incentivar o aluno a criar, experimentar e expressar-se por meio de atividades como o desenho e a pintura. Assim, a importância do professor é indispensável na mediação desse processo, pois, ao valorizar a produção artística infantil e os elementos das artes visuais, contribui para o desenvolvimento da sensibilidade, da criatividade e da construção do conhecimento estético e cultural.

É importante destacar, segundo Batalha e Santos (2018), que a mediação do ensino da arte envolve não apenas técnicas e habilidades, mas também conhecimentos, valores e conceitos ligados à cultura, à sua diversidade e às mudanças provocadas pelas tecnologias. Ao observar obras de arte, o aluno deve participar de uma experiência de fruição, na qual integra percepção, imaginação e compreensão, relacionando o que aprende com a produção artística histórica, com suas próprias criações e com as produções dos colegas, não necessariamente dependendo da técnica do professor.

Para as autoras Toome e Straioto (2018), a educação por meio do ensino da arte é fundamental para o processo de aprendizagem da criança, proporciona inúmeras descobertas. Desse modo, a criança apodera-se de diversas linguagens, alcançando sensibilidade e habilidade para lidar com formas, cores, imagens, gestos, falas e outras expressões. O contato com a arte acontece pela intervenção do professor, com percepção de que tenha capacidade para criação, expandindo a leitura e compreensão da criança sobre o mundo e sua cultura.

Dessa forma, a importância docente na mediação estética não se limita à transmissão de técnicas, mas à criação de experiências que integrem razão, emoção e sensibilidade, possibilitando que o aluno construa sua própria poética e desenvolva consciência crítica e estética sobre o mundo que o cerca. Nesse contexto, as tecnologias digitais e a arte contemporânea na educação e inclusão escolar passam a representar ferramentas importantes para ampliar as possibilidades de criação, expressão e mediação estética do professor, promovendo novas formas de aprendizagem e participação dos alunos.

3.2 As tecnologias digitais e a arte contemporânea na educação e inclusão escolar

A contemporaneidade tem provocado profundas transformações na forma como a arte é produzida, compreendida e ensinada. As tecnologias digitais, cada vez mais presentes no cotidiano, passaram a ocupar espaço relevante também nas práticas pedagógicas, especialmente no ensino de arte. A utilização de recursos digitais e de mídias tecnológicas permite ampliar o repertório cultural dos estudantes, tornando o aprendizado mais dinâmico, interativo e inclusivo. Segundo Batalha (2018):

A arte contemporânea vai modificando os conceitos de objeto, de interação, de espaço e da própria arte, caracterizando-se pela apropriação de diferentes técnicas, sejam elas convencionais ou não convencionais, bem como pela própria apropriação de obras de arte de outros artistas. Nessa arte, o artista não é mais o centro da obra; para tanto, a interação e participação do público passam a ser essenciais no momento de fruição e de dar sentido à obra (Batalha; Santos, 2018, p. 208).

A citação evidencia que a arte contemporânea transforma os conceitos tradicionais de objeto, espaço e interação, deslocando o foco do artista para a experiência do público. Nesse contexto, a fruição e a participação do observador tornam-se essenciais para a construção de sentido da obra. Na educação, isso exige que o professor proponha atividades que incentivem a interação, a experimentação e a reflexão crítica, permitindo que os alunos se envolvam ativamente, desenvolvendo autonomia, criatividade e percepção estética.

O ensino de artes visuais exige um trabalho contínuo, fundamentado no conhecimento dos conteúdos e das experiências relacionadas aos materiais, técnicas e formas visuais, abrangendo tanto períodos históricos quanto manifestações contemporâneas. Para isso, a escola deve proporcionar aos alunos um conjunto diversificado de experiências de aprendizagem e criação, integrando percepção, imaginação, sensibilidade, conhecimento e produção artística, tanto individual quanto coletiva. A educação em artes visuais precisa levar em consideração a

complexidade de uma proposta pedagógica que valorize as diferentes formas pelas quais os estudantes transformam seus conhecimentos em arte, ou seja, a maneira como aprendem, criam e se desenvolvem nessa área (Brasil, 1998).

Nesse sentido, Barbosa (2008) há a necessidade de desenvolver a alfabetização visual, evidenciando cada vez mais a relevância da Arte na escola. A leitura de imagens vai além da simples análise de elementos formais, como forma, cor, linha, volume, equilíbrio, movimento e ritmo, e se concentra principalmente na significação que esses elementos assumem em diferentes contextos. Trata-se de uma exigência da contemporaneidade, na qual a recepção das obras de arte e das imagens amplia o seu significado e o incorpora à experiência do observador. Nesse sentido, não é mais apenas uma questão de compreender a intenção do artista, mas de refletir sobre o que a obra comunica no presente, em nosso contexto atual, e o que transmitiu em diferentes períodos históricos para outros leitores.

A partir da análise do ensino de artes visuais, percebe-se que a prática pedagógica vai além do ensino de técnicas e do manuseio de materiais, envolvendo a criação, a interpretação e a reflexão sobre a obra de arte. A alfabetização visual se mostra fundamental, permitindo que os alunos compreendam elementos formais como forma, cor, linha e movimento e, principalmente, o significado das imagens em diferentes contextos históricos e culturais.

Nesse processo, a integração de percepção, imaginação, sensibilidade e produção artística, tanto individual quanto coletiva, contribui para o desenvolvimento global do aluno. Além disso, a compreensão crítica das obras em seu contexto contemporâneo possibilita ao estudante estabelecer um diálogo com o presente, ampliando sua visão de mundo.

Nesse cenário, o professor atua como mediador, orientando, estimulando e promovendo experiências significativas que conectam o aprendizado artístico à formação cognitiva, emocional e cultural dos alunos. Batalha e Santos (2018) afirmam que:

Dessa forma, é possível entender que a observação da obra de arte, seja ela uma produção bidimensional ou tridimensional, seja uma obra clássica ou contemporânea, não se restringe ao entendimento do objetivo ou da forma da produção, mas vai além, buscando entender o seu contexto subjetivo (Batalha; Santos, 2018, p. 120).

Conforme destacam Batalha e Santos (2018), é fundamental considerar o contexto subjetivo da obra, ou seja, o que ela comunica ao observador em termos de sentimentos, reflexões e significados pessoais. Esse olhar mais amplo permite compreender a dimensão cultural, histórica e emocional da produção artística, estimulando no aluno a percepção crítica,

A sensibilidade estética e a capacidade de interpretação são aspectos essenciais para uma experiência de aprendizagem significativa em arte.

Fernandes (2020) ressalta que uma parte expressiva das obras de arte vem se afirmando como sendo cada vez mais interativa e digital, exigindo a participação do expectador para seafirmar. Uma referência fundamental é Barbosa (2016), pioneira da Arte/Educação no Brasil, que, com sua Abordagem Triangular (contextualizar, fazer e apreciar), oferece um arcabouço teórico que pode ser expandido para o universo digital. Embora sua obra tenha sido concebida antes da popularização da internet, a essência de sua proposta se mantém fortalecida. Segundo Fernandes (2020):

Vivemos em relação à Arte Contemporânea uma nova maneira de ver, de fazer e de nos relacionar com o objeto artístico. A tecnologia digital é um ponto de mudança que interfere e permeia todo o processo artístico, desde a formulação da obra ao posicionamento do observador frente a esta (Fernandes, 2020, p. 6).

Conforme o autor outrora citado, ressalta que a Arte Contemporânea, ao integrar recursos tecnológicos em seus processos criativos, rompe com os modelos tradicionais de produção e apreciação artística. A tecnologia deixa de ser um simples instrumento auxiliar e passa a ocupar um papel central na criação e na experiência estética, promovendo novas formas de interação entre o artista, a obra e o espectador. Essa transformação reflete diretamente no contexto escolar, em que o uso das tecnologias digitais no ensino de arte estimula a criatividade, a sensibilidade e a participação ativa dos alunos.

A contextualização histórica e social das obras de arte pode ser imensamente enriquecida com o acesso a acervos online de museus, biografias de artistas e análises críticas. O fazer artístico se expande para as mídias digitais, e a apreciação se torna mais interativa e acessível. Sobre a necessidade de uma educação artística que prepare para o mundo contemporâneo, Barbosa (2016) afirma que: "Um dos papéis da arte é preparar o indivíduo para compreender os novos modos de perceber o mundo que emergiram com o avanço da comunicação de massa".

Constata-se que a arte na atualidade, aberta a experimentações, encontra nas tecnologias digitais um vasto território para a criação. Softwares, plataformas de arte generativa, realidade aumentada, virtual, programação e robótica expandem as possibilidades do fazer artístico para além dos suportes tradicionais. A educação em artes se atualiza, dialogando com a cultura visual dos alunos e propondo práticas pedagógicas que os reconheçam como produtores de cultura, e não apenas consumidores.

Há necessidade de transformações no currículo e na metodologia, visando incluir a tecnologia e a cultura digital, pois atualmente no Ensino Médio há esse componente de Educação Digital, para que este conteúdo seja efetivamente relevante e útil para o crescimento do aluno, entretanto o esforço maior seria no sentido de levá-los a entender que a tecnologia na escola faz parte de um conjunto de recursos inseridos no processo de ensino e aprendizagem e não uma forma de lazer (Fernandes, 2020).

A perspectiva da mediação, fundamentada nos estudos de Vygotsky (2009), também oferece um suporte teórico robusto para pensar a relação entre tecnologia, arte e inclusão, por defender que o desenvolvimento humano se dá por meio da interação social e da mediação de instrumentos e signos. As tecnologias digitais podem ser compreendidas como potentes instrumentos mediadores que ampliam as capacidades humanas.

No contexto da arte-inclusão, a tecnologia atua como uma ferramenta que possibilita a superação de barreiras e a construção de novas formas de expressão. Sobre a importância dos instrumentos na educação especial, Vygotsky (2009) afirmava que: os instrumentos linguísticos, qualquer que seja sua forma, determinam o desenvolvimento. Todos os sistemas (Braille, Língua de Sinais, datilografia, etc.). Segundo Fernandes (2020), é necessário envolver e motivar os profissionais da educação a empregar as novas tecnologias da melhor forma possível no trabalho docente. Para isso, faz-se necessário oferecer treinamento para incentivá-los e deixá-los mais seguros.

Sob a ótica de Rocha (2011), diz que, na atualidade, a Arte é compreendida como um campo de conhecimento próprio, com finalidades, conteúdos e métodos de ensino definidos, deixando de ser vista apenas como uma atividade complementar ou recreativa.

Na educação contemporânea não cabe mais reduzir o ensino de Arte ao desenvolvimento de meras atividades artísticas, pois a arte tem conteúdos específicos, porque é conhecimento. Portanto, cabe à escola propiciar experiências ligadas à fruição estética e também ao fazer artístico, tendo como uma das finalidades a consciência estética que envolve não só a capacidade crítica, como também integra sentimentos, imaginação e razão, tornando claros os conteúdos de arte e levando em consideração o seu meio (Rocha, 2011, p. 14).

Segundo a fala de Rocha no parágrafo anterior, na educação contemporânea, o ensino de Arte não deve se restringir à realização de atividades artísticas isoladas, pois a arte possui conteúdos específicos que constituem conhecimento. Nesse sentido, a escola deve proporcionar

experiências que integrem tanto a fruição estética quanto o fazer artístico, promovendo a consciência estética do aluno. Essa consciência envolve a capacidade crítica, a imaginação, os sentimentos e a razão, permitindo uma compreensão ampla e significativa da arte. Além disso, o ensino deve considerar o contexto social, cultural e histórico em que o aluno está inserido, tornando as experiências artísticas mais relevantes e contribuindo para o desenvolvimento integral do educando.

Quanto à inclusão escolar, as tecnologias digitais representam um avanço significativo. Ferramentas de acessibilidade digital, como softwares de leitura de tela, mesas digitalizadoras, adaptadores e interfaces personalizáveis, permitem que estudantes com deficiência visual, motora ou intelectual possam se expressar artisticamente com maior autonomia. A flexibilidade dos meios digitais possibilita a adaptação das atividades às necessidades individuais de cada aluno, promovendo um ambiente de aprendizagem mais equitativo e democrático.

Contudo, para Fernandes (2020), faz-se necessário destacar que este será um longo caminho a ser percorrido, de fato e de direito, em que haverá inclusão das tecnologias digitais nas escolas, principalmente numa sociedade como a nossa, deficiente em relação à valorização e formação de professores, e também necessitada de recursos tecnológicos no setor educacional. Este processo envolvendo a tecnologia como recurso didático e de estímulo aos alunos em suas aulas já é evidente e não há como retroceder lamentavelmente.

Compreende-se que a inserção das tecnologias digitais no ensino da arte exige não apenas a atualização curricular, mas também a formação continuada dos professores. O educador assume papel central como mediador entre o conhecimento artístico e os novos recursos tecnológicos, devendo planejar práticas pedagógicas que promovam experiências estéticas significativas e que despertem a criatividade, a criticidade e a autonomia dos alunos, sem contar no número de escolas que ainda não têm acesso aos recursos digitais.

É notório que a integração entre arte e tecnologia contribui para a construção de uma aprendizagem mais dinâmica, interativa e alinhada às demandas culturais e sociais da contemporaneidade. Assim, destaca-se nesta pesquisa a mídia social ou redes sociais, que são tecnologias e plataformas que propiciam a criação de compartilhamento de informações por canais digitais, que podem ser utilizadas nas práticas pedagógicas voltadas para o ensino da arte nos dias atuais: Instagram, programas de televisão, computadores, *Facebook*, *blogs*, *YouTube*, *entre outras*, ou seja, são mídias propagadoras da arte. Segundo Toome e Straioto (2018), diz que:

As novas formas de produção artísticas possibilitadas pelas novas tecnologias impressionam com suas cores, formas e movimentos. E a arte visual se atualizando e se modificando, sem, apesar disso, abdicar da razão da resistência da arte, que é expressão de ideais e sentimentos (Toome; Straioto, 2018, p. 173).

Conforme os autores citados, as tecnologias digitais, como animações, vídeos, realidade virtual, design digital e outras mídias, trouxeram novas possibilidades criativas para a arte visual. Essas novas formas de produção tornam as obras mais dinâmicas, coloridas, interativas e atraentes, capazes de despertar novas sensações e experiências no público. Entretanto, mesmo com toda essa modernização tecnológica, a essência da arte continua a mesma.

Compreende-se que as produções artísticas são relevantes e que a junção entre a arte e tecnologias é um solo fecundo para a exploração no que tange à criatividade e inovação. Ao longo da trajetória da Arte Ocidental, desde os períodos pré-históricos, o ser humano tem revelado o desejo de registrar a própria imagem como forma de confrontar a transitoriedade da existência. Em diferentes momentos históricos, o artista buscou representar a si mesmo em variadas superfícies e materiais, com o propósito de afirmar sua identidade e perpetuar sua presença por meio da autorrepresentação.

A reflexão proposta por Fernandes (2020) permite compreender que o ato de criar imagens de si é uma necessidade simbólica do ser humano, vinculada à busca por reconhecimento, memória e expressão individual. Na contemporaneidade, esse processo é potencializado pelas tecnologias digitais, que ampliam as possibilidades de autorrepresentação e tornam o sujeito protagonista da própria imagem.

As produções artísticas mediadas por recursos tecnológicos como fotografias, vídeos, montagens e produções virtuais configuram novas formas de expressão estética e identidade, aproximando a arte da experiência cotidiana e dos meios digitais de comunicação. Dessa forma, a tecnologia não apenas redefine a criação artística, mas também transforma a maneira como o indivíduo se percebe e se insere no mundo. Segundo Fernandes (2020),

Quando um criador se apresenta como uma obra artística, significa que está fazendo um autorretrato. Este conceito pode ser aplicado a várias modalidades artísticas, como pintura, escultura ou fotografia. A selfie é o autorretrato do século XXI. No Facebook, Instagram e outras redes sociais, a própria imagem tem um protagonismo único. Mostramos nossa imagem em todo tipo de situação para comunicar algo sobre nossa identidade como indivíduos (Fernandes, 2020, p. 11-12).

A citação de Fernandes (2020) mostra que o autorretrato, tradicionalmente entendido como uma obra de arte em que o próprio artista se representa seja na pintura, escultura ou fotografia, ganhou novas formas de expressão com a tecnologia e as redes sociais. Hoje, a selfie

Funciona como o autorretrato contemporâneo, permitindo que cada indivíduo controle e projete sua própria imagem. Nas plataformas digitais, como Instagram ou Facebook, a imagem pessoal se torna um meio de comunicação e expressão, revelando aspectos da identidade, da personalidade e do contexto social de quem a publica.

Isso demonstra que o conceito de autorretrato não se limita mais às obras formais nos museus, mas se expande para a vida cotidiana, tornando-se uma prática artística acessível e coletiva. Assim, a arte contemporânea inclui essas novas linguagens e formas de expressão visual, mostrando que a estética e a criação não dependem apenas de técnicas tradicionais, mas também da capacidade de representar-se e comunicar-se visualmente na sociedade atual.

No que se refere a recursos digitais no ambiente escolar, destaca-se uma dessas atividades proporcionadas que pode ser realizada em sala de Arte com *pixel*. Estratégia: gamificação. Materiais: computador ou celular com acesso à internet. *Pixilart* é um programa em página na internet. Não é necessário instalar e demanda apenas conexão à internet. Pode ser utilizado no computador, tablet ou celular. Temática (sugestão): pode ser utilizado para fazer a releitura de alguma obra de arte ou trabalhar conceitos como paisagem urbana e paisagem rural, interdisciplinaridade com a Geografia. Outra sugestão é o GIMP: *software* livre (Windows e Linux) um pouco mais elaborado, com mais ferramentas, necessita instalação e, após instalado, não necessita conexão à internet (Casa Fiat de Cultura, 2023).

Figura 1 - Arte com Pixel



Fonte: Casa fiat cultura (2023).

A atividade Arte com Pixel propõe o uso do ponto como unidade visual mínima, estimulando a percepção, a coordenação motora e o raciocínio lógico. Diversos autores da educação em artes no Brasil têm se debruçado sobre as implicações e potencialidades do uso das tecnologias digitais no contexto escolar, com especial atenção às questões de inclusão e à luz da produção artística contemporânea. Assim, ao refletir sobre as práticas pedagógicas no ensino da arte, torna-se necessário destacar o papel do professor como mediador estético e facilitador das experiências artísticas (Casa Fiat Cultura, 2023).

A arte contemporânea, ao se fundir com a tecnologia, redefine o papel da escola como espaço de experimentação e inovação. O uso de plataformas digitais, softwares de criação, realidade aumentada e arte generativa promove o engajamento dos estudantes e estimula novas formas de pensar o fazer artístico. Nesse contexto, a inclusão digital também assume um papel social relevante, especialmente em escolas públicas e comunidades com menor acesso à tecnologia. O uso pedagógico das mídias digitais pode funcionar como um instrumento de redução das desigualdades, democratizando o acesso ao conhecimento e à cultura.

Compreender a relação entre arte contemporânea, tecnologia e educação é essencial para promover práticas pedagógicas mais significativas e inclusivas. A inserção das tecnologias digitais no ensino da arte não deve ser vista apenas como modernização de recursos, mas como um processo que transforma a forma de ensinar e aprender. Acredita-se que essa integração favorece a construção de uma educação estética que valoriza a diversidade, a criatividade e a participação ativa dos sujeitos no processo de aprendizagem artística. Portanto, a seção a seguir aprofunda essas contribuições, destacando o papel das artes visuais, da música, da dança e do teatro na formação integral do aluno e na construção de experiências estéticas significativas.

4 CONTRIBUIÇÕES DAS LINGUAGENS ARTÍSTICAS PARA O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DO EDUCANDO

O ensino da Arte, conforme orienta a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) Brasil (2017), fundamenta-se em quatro linguagens: artes visuais, dança, música e teatro, compreendidas como formas de expressão, comunicação e construção de conhecimento. Essas linguagens atuam de maneira complementar no desenvolvimento global do educando, abrangendo dimensões cognitivas, sociais, emocionais e motoras, contribuindo para a formação integral e humanizadora. A participação de crianças e jovens em práticas artísticas melhora significativamente habilidades de pensamento crítico, criatividade, regulação emocional e interação social. Sobre o componente curricular Arte, a BNCC (Brasil, 2017) evidencia que:

[...] contribui para a interação crítica dos alunos com a complexidade do mundo. Além de favorecer o respeito às diferenças e o diálogo intercultural, pluriétnico e plurilíngue Importantes para o exercício da cidadania. A arte propicia a troca entre culturas e favorece o reconhecimento de semelhanças e diferenças entre elas (Brasil, 2017, p. 193).

Pelo que já vem sendo compartilhado ao longo desta pesquisa, o ensino da arte visa proporcionar o processo de criação do aluno, levando-o a desenvolver sua criatividade e raciocínio, impulsiona-o à reflexão de pensamento crítico, ajudando na realização de atividades, de exposição e solução de problemas em situações sociais e cotidianas.

Para Batalha e Santos (2018), a aprendizagem por meio da arte promove o desenvolvimento do conhecimento, envolvendo o pensamento criativo, a sensibilidade estética e a percepção artística. Ao participar do processo triangular do ensino da arte de produzir, fruir e refletir, o aluno aprimora sua imaginação, percepção e sensibilidade.

Dessa forma, ele passa a apreciar e analisar as formas criadas tanto por diferentes culturas quanto por ele próprio e por seus colegas, reconhecendo a diversidade de ideias, valores e modos de agir presentes nas sociedades. Essa experiência estimula o olhar crítico sobre sua própria realidade, incentivando a reflexão sobre sua cultura e o contexto em que vive, ao mesmo tempo em que abre possibilidades de criação e transformação, contribuindo para uma melhoria na qualidade de vida.

Segundo Cordeiro (2023), compreender o valor da educação estética é essencial para a formação humana. A arte desperta no indivíduo a sensibilidade diante do mundo, das pessoas, dos acontecimentos e de si mesmo. O ato de criar, observar, apreciar a beleza, desenvolver um

olhar crítico e refletir sobre o que é visto constituem parte fundamental do processo educativo voltado para a arte. Ou seja, significa dizer que a educação estética, por meio da arte, desenvolve a sensibilidade, o olhar crítico e a capacidade de reflexão do indivíduo, contribuindo para sua formação integral e compreensão do mundo.

Do ponto de vista cognitivo, as linguagens artísticas estimulam capacidades superiores de pensamento, como abstração, imaginação, raciocínio lógico, resolução de problemas e tomada de decisão. Segundo Vygotsky (2009), a atividade simbólica presente no fazer artístico possibilita ao aluno operar com sentidos, significados e representações, desenvolvendo funções psicológicas superiores.

Quadros (2013) destaca que a arte envolve tanto a reflexão teórica quanto a ação prática, representa um tipo de conhecimento estético que gera aprendizado e compreensão. Assim, o domínio artístico favorece vivências cognitivas que contribuem para o desenvolvimento humano ao longo de toda a vida.

Quanto às contribuições emocionais e psicológicas, a arte constitui um espaço privilegiado para expressão, elaboração e regulação das emoções. Wallon (2007) já destacava que as dimensões afetivas permeiam todo o processo de desenvolvimento humano, sendo indissociáveis da cognição e da ação. Nesse sentido, as linguagens artísticas permitem ao educando expressar sentimentos, canalizar tensões internas e desenvolver autoconhecimento, fortalecendo sua saúde emocional. A música, por exemplo, atua diretamente sobre estados emocionais; o teatro estimula empatia e vivência de papéis sociais; a dança facilita a expressão corporal de emoções; e as artes visuais oferecem um espaço seguro para projetar sentimentos e elaborar vivências.

As linguagens artísticas também desempenham função fundamental no desenvolvimento social. A arte promove a cooperação, o respeito mútuo e a empatia, especialmente quando as práticas são realizadas em grupos ou contextos colaborativos. Gardner (1994) destaca que experiências artísticas coletivas são relevantes e favorecem a comunicação e o desenvolvimento de múltiplas competências relacionais. Segundo Batalha e Santos (2028),

É importante brincar, dançar e cantar com as crianças, levando em conta suas necessidades de contato corporal e vínculo afetivo. O gesto e o movimento estão conectados com o trabalho musical, pois o corpo traduz em movimento os diferentes sons que percebe. Os movimentos de flexão, balanceio, estiramento e os de locomoção, como andar, saltar, correr, saltitar, galopar, entre outros, estabelecem relações diretas com os diferentes gestos sonoros (Batalha; Santos, 2018, p. 99).

Conforme a citação anterior, além das dimensões cognitivas, emocionais e sociais, o ensino da arte favorece competências motoras e perceptivas. A dança, especificamente, amplia coordenação, fluidez, equilíbrio e consciência corporal; a música envolve coordenação motora fina ao manipular instrumento.

Enquanto o teatro requer controle de gestos, postura e movimentos, como prática pedagógica, desempenha um papel essencial no desenvolvimento integral da criança, pois integra o corpo, a comunicação e a emoção, ao mesmo tempo em que estimula o raciocínio. Ao trabalhar essa linguagem, a criança vivencia novas experiências e recebe apoio para sua inserção social. Além disso, o teatro oferece prazer durante o brincar e, ao mesmo tempo, educa, ao estimular o desenvolvimento de habilidades específicas no contexto escolar (Souza, 2015).

No que tange às artes visuais, o ensino e aprendizagem exigem precisão, motricidade fina e percepção visual. É possível integrar diferentes dimensões do processo cognitivo, como cognição, sensibilidade, percepção, imaginação e reflexão. Nesse contexto, por meio de motivações internas ou externas, a criança constrói caminhos próprios de criação e aprendizagem, desenvolvendo seu conhecimento a partir de suas experiências criativas. Esses aspectos perceptivos são essenciais para o desenvolvimento global, pois integram emoção e pensamento, proporcionando experiências motoras ricas que estruturam a relação da criança com o espaço e com o próprio corpo (Batalha e Santos, 2018).

As linguagens artísticas, quando articuladas ao currículo escolar, ampliam a sensibilidade, valorizam a diversidade cultural e promovem uma formação humanística. Segundo Barbosa (2016), a arte possibilita ao educando construir sentidos, interpretar o mundo e reconhecer-se como sujeito cultural. Nesse sentido, as linguagens artísticas tornam-se instrumentos de desenvolvimento integral, atuando na formação de sujeitos críticos, criativos e capazes de compreender a complexidade do mundo contemporâneo.

Compreende-se que o ensino da arte não só contribui para o desenvolvimento da autonomia criativa e expressiva dos alunos, mas também é impulsionador da ampliação do conhecimento do indivíduo no que se refere a ele mesmo, ao outro e ao mundo que o cerca. Percebe-se que os artistas servem como fontes de inspiração e possibilitam às crianças explorar e ampliar seus conhecimentos e práticas artísticas.

As temáticas, técnicas, cores e formas presentes nas obras favorecem novas maneiras de expressão, estimulando-as a criar a partir dos materiais disponíveis e a estabelecer um diálogo com as produções artísticas que observam (Ostetto, 2024). Dessa forma, ultrapassa a simples reprodução, exigindo que a educadora acompanhe o processo de modo sensível,

Observando e escutando as diversas formas pelas quais as crianças exploram, constroem e comunicam suas ideias com autonomia e autoria.

Canda (2012), historicamente, as classes populares têm sido privadas do acesso a espaços destinados à produção e apreciação artística. No entanto, a formação voltada para uma vivência cultural ampla é fundamental, pois desperta o interesse e a valorização da arte como uma expressão rica em significados simbólicos e culturais. Dessa forma, a democratização do acesso à arte torna-se um instrumento de inclusão social e de promoção da cidadania, permitindo que todos os indivíduos participem ativamente da construção e fruição cultural.

Ostetto (2024) e Rocha (2011) ressaltam que a arte desempenha um papel central no desenvolvimento da criança e na formação integral do ser humano. Segundo Ostetto, proporcionar o contato com obras e artefatos culturais, seja diretamente ou por meio de imagens, é educar o olhar, oferecendo referências carregadas de significados que estimulam o pensamento, o sentimento e a criatividade, ampliando as possibilidades de criação da criança. Já Rocha destaca que a arte na escola não é apenas uma atividade estética, mas uma ferramenta essencial para a formação humana, especialmente em contextos em que a escola se torna o principal ou único espaço de acesso à cultura, conhecimento e experiências artísticas.

Nesse contexto, quando valorizada e bem conduzida, essa realidade pode favorecer a construção do conhecimento artístico, desde que o ensino de Arte, por meio de seus conteúdos e metodologias, proporcione oportunidades para que o aluno reflita sobre sua própria realidade e compreenda o contexto em que está inserido.

Para Lima e Camargo (2021), a arte educação é um agente que contribui com a formação do ser humano, com seu desenvolvimento potencial, e isso implica em um indivíduo que se insere na sociedade com uma postura totalmente educada, que adquire e desenvolve práticas dentro das escolas. À vista disso, a arte deve ser valorizada nos contextos escolares, pois de fato melhora a condição do cidadão no ambiente cultural.

De acordo com Santos e Costa (2020), o desenvolvimento integral do ser humano ocorre por meio da arte. Inserir a arte na educação significa oferecer liberdade de expressão e criação, observando atentamente as reações das crianças durante as atividades para compreender o processo e potencializar suas capacidades criativas, contribuindo para a aprendizagem.

A expressão artística favorece a integração entre o pensamento e a emoção e, especialmente nas crianças pequenas, essa manifestação se torna mais natural, já que a ludicidade está constantemente presente em suas ações. Assim, por meio das imagens e das linguagens artísticas, elas comunicam-se de forma espontânea e significativa.

Sendo assim, é no fazer artístico que as crianças se expressam, produzem outras possibilidades linguísticas. Por meio da arte, elas exploram, sentem, refletem acerca das suas próprias criações e, por conseguinte, dão significados e elaboram sentido a partir das vivências; são levadas a desenvolver sua sensibilidade transpassada por todos os seus sentidos (Vieira; Silva; Carvalho, 2020). Os autores Araújo e Oliveira (2015) destacam que:

A arte é um conhecimento interdisciplinar. Além de proporcionar conhecimento para todas as áreas, ela contribui e traz significado para o ensino e aprendizagem na educação escolar. A arte é produção essencialmente humana e, portanto, é importante na escola (Araújo; Oliveira, 2015, p. 692).

Conforme a citação, os autores defendem a importância da arte como conhecimento que atravessa todas as áreas do saber, contribuindo tanto para o desenvolvimento intelectual quanto emocional dos alunos. A ideia central é que a arte não deve ser vista como disciplina isolada, mas como um componente integrador que amplia o significado do processo de ensino e aprendizagem.

Nesse sentido, portanto, entende-se que a arte constitui um ramo do conhecimento que contribui de forma indiscutível para o desenvolvimento pleno do indivíduo, uma vez que possibilita experiências estéticas, cognitivas, emocionais e sociais essenciais à formação humana. Assim, cabe ao professor a elaboração de recursos pedagógicos criativos e eficazes, capazes de despertar o interesse da criança e favorecer sua participação nas diferentes linguagens artísticas: artes visuais, música, dança e teatro, cada uma promovendo contribuições específicas para o desenvolvimento global do educando.

Dessa maneira, ao considerar as contribuições das linguagens artísticas no processo educativo, evidencia-se que o ensino da arte não se limita ao domínio técnico, mas atua como fundamento indispensável para o desenvolvimento integral do aluno, contemplando dimensões cognitivas, emocionais, sociais e motoras. Para que isso se concretize, é imprescindível que o professor assuma seu papel de mediador sensível, planejando práticas pedagógicas que valorizem a criatividade, a diversidade cultural e o protagonismo do educando no processo de aprendizagem.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a realização desta pesquisa, adotou-se como recurso metodológico a pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa. As referências bibliográficas foram selecionadas a partir de consultas a capítulos de livros, artigos científicos, monografias e periódicos disponíveis, principalmente por meio do portal *Google Acadêmico*, a fim de reunir produções teóricas pertinentes ao objetivo deste estudo. O processo metodológico envolveu leituras e análises criteriosas para a escolha dos textos mais adequados à fundamentação teórica, permitindo um embasamento sólido e atualizado sobre o tema.

A pesquisa bibliográfica, conforme Brito, Oliveira e Silva (2021), é amplamente utilizada em trabalhos acadêmicos, pois possibilita ao pesquisador acessar o conhecimento já produzido e consolidado, sendo essencial para qualquer investigação científica. Muitos estudos se estruturam exclusivamente nesse tipo de pesquisa, utilizando obras teóricas como base para a construção de ideias e respostas aos problemas propostos. Nessa perspectiva, Martins e Theóphilo (2016) destacam que a pesquisa bibliográfica:

Trata-se de estratégias de pesquisa necessárias para a condução de qualquer pesquisa científica. Uma pesquisa bibliográfica procura explicar e discutir um assunto, tema ou problema com base em referências publicadas em livros, periódicos, revistas, enciclopédias, dicionários, jornais, sites, CDs, anais de congressos etc. Busca conhecer, analisar e explicar contribuições sobre determinado assunto, tema ou problema. A pesquisa bibliográfica é um excelente meio de formação da plataforma teórica do estudo (Martins; Theóphilo, 2016, p. 52).

Compreende-se que esse tipo de abordagem é essencial para a formação teórica do pesquisador e para o desenvolvimento de qualquer trabalho científico. Em conformidade, Gil (2017) reforça que a pesquisa bibliográfica integra a etapa inicial da maioria das produções acadêmicas, como teses e dissertações, pois permite compreender o estágio atual do conhecimento sobre determinado tema e construir uma base conceitual consistente. O autor ressalta ainda que essa modalidade amplia o acesso do pesquisador a diferentes fenômenos, superando os limites de uma investigação direta, mas alerta para a necessidade de uma análise cuidadosa das fontes, a fim de evitar equívocos e contradições.

No que se refere à pesquisa qualitativa, adotada de forma complementar neste estudo, compreende-se que ela busca investigar fenômenos sociais e humanos em profundidade, priorizando os significados e a interpretação dos comportamentos. De acordo com Minayo (2009), essa abordagem trabalha com o mundo dos significados, valores e crenças, não podendo

ser reduzida a números, pois procura compreender o sentido das ações e experiências. Para Silva e Menezes (2005), a pesquisa qualitativa considera a relação dinâmica entre o sujeito e a realidade, analisando o contexto de maneira integrada e interpretativa.

Entende-se que a combinação entre a pesquisa bibliográfica e qualitativa possibilitou uma análise ampla e reflexiva sobre o tema, permitindo compreender os fenômenos estudados em seu contexto natural e fundamentar o trabalho em bases teóricas consistentes, garantindo uma abordagem coerente e aprofundada para os objetivos propostos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destaca-se, com a realização desta pesquisa, a importância das contribuições das linguagens artísticas para o desenvolvimento do aluno, assim como compreender um pouco do seu contexto histórico no ensino brasileiro, além de poder contribuir para a utilização dos melhores recursos e ajudar na prática docente em sala, tendo em vista que esse componente curricular passou obrigatoriamente a ser inserido no currículo brasileiro.

Acredita-se que as contribuições decorrentes deste trabalho de conclusão de curso serão de grande relevância para os futuros estudos relacionados a esse tema tão pertinente, no âmbito da educação brasileira. Constata-se que o ensino das linguagens artísticas é um componente curricular que foi e segue sendo aprimorado historicamente, e se transformando em uma abordagem cada vez mais considerável e positiva para o desenvolvimento do aluno.

Muitas das abordagens artísticas podem ser empregadas em sala de aula, além de oportunizar aos discentes experimentações estéticas nos diversos espaços no contexto escolar, que são de grande relevância para o envolvimento dos discentes ativamente nas diferentes linguagens artísticas, permitindo o desenvolvimento de habilidades específicas de cada linguagem, tornando assim uma aprendizagem significativa. Tendo em vista que compreendemos que a Arte explora as potencialidades de criação, autonomia e desenvolvimento de expressividades individuais e coletivas.

Considera-se que esta temática seja de suma importância para repensar qual o papel histórico da Arte na Educação brasileira, por meio das ricas abordagens relacionadas com as práticas pedagógicas e a formação do ensino da Arte na formação integral do aluno. Além disso, ressalta-se a relevância da realização deste curso pela Faculdade FAMEN, instituição que tem contribuído significativamente para a formação de profissionais comprometidos com a educação, oferecendo uma base teórica e prática que possibilita reflexões críticas e aprimoramento contínuo das práticas pedagógicas voltadas para o ensino das artes.

REFERÊNCIAS

ALVES, G. L. Origens da escola moderna no Brasil: A contribuição jesuítica. **Rev: Educação & Sociedade**, vol.26, n.91, p.617-635, 2005.

ARAÚJO, G. C. de; OLIVEIRA, A. A. de. O ensino de arte na educação de jovens e adultos: uma análise a partir da experiência em Cuiabá (MT). **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 679–694, jul./set. 2015.

BENITES, R. de C. R. **Trilhas da História**, v. 10, n. 20, jan.-jul., 2021

BARBOSA, A. M. Síntese da Arte educação no Brasil: duzentos anos em seis mil palavras. **Revista Polyphonia**, v. 27, n.2, p. 19-39. 2016.

BARBOSA, A. M. **A imagem no ensino da arte**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

BARBOSA, A. M. (Org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 4. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2008.

BARBOSA, A. M. **Memória e história, Ensino da arte**. São Paulo, perspectiva, 2019.

BATALHA, L. S.; SANTOS, T. **Educação e artes**. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2018.

BRASIL. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, p. 27833, 23 dez. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília/DF, MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf. Acesso em: 30 maio 2024.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 2013.

BRITO, A. P. G.; OLIVEIRA, G. S. de; SILVA, B. A. da. A Importância de Pesquisa Bibliográfica no Desenvolvimento de Pesquisas Qualitativas na área de Educação. **Cadernos da Fucamp**, v. 20, n. 44, p. 1-15, 2021.

CANDA, C. N. Conscientização e ludicidade na educação de jovens e adultos: revendo caminhos teórico-metodológicos. **Educação Popular**, Uberlândia, v. 11, n. 1, p. 10-24, jan./jun. 2012.

CANCLINI, N. G. **A socialização da arte: teoria e prática na América Latina**. São Paulo: Cultrix, 1984.

CASA FIAT DE CULTURA. **Caderno Educativo**: Linguagem Visual – Ponto, Linha, Forma e Cor. Belo Horizonte: Casa Fiat de Cultura, 2023. Disponível em: <https://www.casafiatdecultura.com.br>. Acesso em: 23 out. 2025.

CAPPELLARI, M. S. V. A Arte da Idade Média como construtora de um conceito visual de mal. Mirabilia: **Rev. Eletrônica de História Antiga e Medieval, Mar del Plata**, n. 12, p. 175-188, 2011.

CORDEIRO, A. P. Crianças e infâncias: as linguagens artísticas em cena. **Ensino & Pesquisa**, União da Vitória, v. 21, n. 1, p. 163–175, jan./mar. 2023.

CORDEIRO, A. P.; ARAÚJO, L. A. de; ANJOS, C. I. dos. Formação de professores para a educação básica e o ensino da arte: caminhos possíveis. **Olhar de Professor**, [S. l.], v. 24, p. 1–21, 2021. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/17738>. Acesso em: 16 abr. de 2024.

FERNANDES, F. F. **Proposições para a inclusão das tecnologias digitais nas aulas de arte da educação básica**. 2020. 55 f. Monografia (Especialização em Tecnologias Digitais e Educação 3.0) – Escola de Educação Básica e Profissional, Centro Pedagógico, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

FISCHER, E. **A necessidade da arte**. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

FUSARI, M. F. R.; FERRAZ, Maria H. C. T. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 1993.

FRADE, P. Como as artes de Paulo Frade, Rembrandt e Caravaggio se encontram? **Trade**. 2024. Disponível em: <https://paulofrade.com.br/como-as-artes-paulo-frade-rembrandt-e-caravaggio-se-encontram/>.

GARDNER, Howard. **Estruturas da mente**: a teoria das inteligências múltiplas. Porto Alegre: Artmed, 1994.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisas**. 6. ed. São Paulo:Atlas. 2017.

HERNÁNDEZ, F. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

KISHIMOTO, T. M. (Org.). **Jogos, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 1996.

LEITE, M. I. Tudo para a criança deve ser infantil?. In: PILOTTO, S. (Org.). **Linguagens da arte na infância**. 2. ed. Univille, 2020.

LIMA, A. P. C. T. de; CAMARGO, E. A. A. A criança fala: O desenho como fonte de escuta e produção artística sobre as brincadeiras preferidas no cotidiano da educação infantil. **Olhar de Professor**, Ponta Grossa, V. 24, p. 1-22, e - 17637.081, 2021.

LOWENFELD, Viktor; BRITTAIN, W. Lambert. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

MARTINS, G. de A.; THEÓPHILO, C. R. **Metodologia da Investigação Científica para ciências sociais aplicadas**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2016.

MARTINS, M. C.; PICOSQUE, G.; GUERRA, M. T. T. **Didática do Ensino da Arte: A Língua do Mundo- poetizar, fruir e conhecer arte**. São Paulo: FTD, 1998.

MINAYO, M. C. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro, RJ: Vozes, 2009.

MORA, J. F. **Dicionário de Filosofia**. São Pulo: Martins Fontes, 1998.

OSTETTO, L. E. Arte na educação infantil: proposições, concepções, reflexões em narrativas docentes. **Pro-Posições**, Campinas, v. 35, 2024.

OSTROWER, F. **Universos da arte**. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

PIRES, E. **Proposta Curricular da Educação Infantil**. Campinas: Prefeitura Municipal de Campinas, 2009.

QUADROS, I. P. **Palavras científicas sonhantes em território úmido feito a mão: a arte popular da canoa pantaneira**. 364 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2013.

ROCHA, D. V. **A Importância do Ensino de Arte na Educação Infantil**. 2011. Monografia (Especialização em Ensino de Artes Visuais) - Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

ROSÁRIO, J. Arte em foco. **Blogspot**. 2011. Disponível em: <https://joserosarioart.blogspot.com/2011/05/pintura-em-camadas.html>.

SANTOS, M. A. A. dos; COSTA, Z. **A arte na educação infantil: sua contribuição para o desenvolvimento**. Osório: FACOS, 2020.

SANTOS, M. C. dos; SOUSA, B. de J. Arte, experiência e criação: as linguagens artísticas no Colégio Universitário da UFMA. **Caderno da aplicação**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, Jan. - Jun. 2020.

SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. rev. atual. Florianópolis, SC: UFSC, 2005.

SOUZA, V. M. R. Encantos do teatro na educação infantil. **Revista Eventos Pedagógicos Articulação universidade e escola nas ações do ensino de matemática e ciências**, v. 6, n. 2, p. 209-217, jun./jul. 2015.

TOOME, L. A. dos S.; STRAIOTO, J. de O. Augusto Guzzo. **Revista Acadêmica**, São Paulo, v. 1, n. 21, p. 267-280, jan./dez. 2018.

VIEIRA, L. R. A.; SILVA, Y. F. de O.; CARVALHO, F. V. da S. O ensino da arte e as práticas pedagógicas na educação infantil. **SCIAS - Arte/Educação**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 45–62, 2020. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/scias/article/view/4867>. Acesso em: 7 jun. 2024.

VYGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância**: ensaio psicológico. Tradução de Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

REVERBEL, Olga. **Jogos teatrais na escola**. São Paulo: Scipione, 1996.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. 13. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ZAGONEL, Bernadete. **Arte na educação escolar**. Curitiba: Ibplex, 2008.